8°
R. 10309
1.ª 1711

A SUA EXCELLENCIA REVERENDISSIMA

O SENHOR

D. JOSÉ ANTONIO PEREIRA BILHANO

ACTUAL PRELADO

DA EGREJA EBORENSE

O. D. C.

ANTONIO FRANCISCO BARATA

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor

Affeiçoado sempre a estudos do passado para lição do futuro, occorreu-me a ideia de estudar e biographar a serie dos Prelados Eborenses, que precederam a V. Ex.ª Rev.ma no governo desta metropole transtagana; não por emprehender trabalho totalmente novo, mas porventura mais completo do que outros obreiros o emprehenderam.

Inexactidões grandes tem a *Evora Gloriosa*, e grandes as tem o Catalogo inscripto no tomo quarto da *Politica moral e civil*, de Damião Antonio.

Como subdito de V. Ex.ª 'num officio do Juizo ecclesiastico desta archidiocese, pareceu-me proprio o tractar eu de assumpto assim elevado, ainda que a pessoa de mais saber, graduação e critica devia caber similhante tarefa. Emprehendo-a, todavia, ousado, por lamentar a falta de um Catalogo chronologico completo, quanto possivel, dos Prelados desta Egreja antiquissima, como o teem outras do Reino.

Não o faço, comtudo, consoante os meus desejos.

Deficiente é o Catalogo, que levo ás mãos de V. Ex.ª Rev.ma, e apenas comprehende a serie dos Arcebispos.

A dos Bispos, a mais difficil de coordenar, por falta de dados seguros, deixo eu como anda nas memorias, por de todo não poder escrevel-a. Onde me soccorrer? Aos Concilios? Mas depois de 714 e até ao começo da monarchia? Onde estudar bem este lapso de tempo senão em qualquer pergaminho, apropriado pelo assumpto, do tempo da dominação arabe, caso exista? Onde os primeiros seculos da Egreja Eborense e portugueza se não em seus livros?

Na impossibilidade, pois, de o fazer, Senhor, contentar-me-hei

com melhormente ordenar a serie dos Arcebispos de que V. Ex.ª é o vigesimo primeiro, em vista do que a tal respeito se tem escripto, devidamente criticado, e de muitos documentos ineditos e inconcussos, que por solerte diligencia hei podido reunir.

Não é, não será certamente perfeito este meu trabalho; mas, servirá para mostrar a V. Ex.ª Rev.ma o quanto póde fazer uma vontade amiga de trabalhar.

Na serie dos Prelados Eborenses, desde o Cardeal D. Henrique, notam-se, em geral, dois elementos sociaes de procedencia: ou pura nobreza ou simples povo. Daquella procede a maior parte; mas, deste, por certo, a não menos virtuosa e illustre: D. Fr. Manoel do Cenaculo, Fr. Fortunato de S. Boaventura e V. Ex.ª sobejam para demonstrar a asserção.

Em breves palavras precederei esta noticia dos Arcebispos Eborenses de uma sobre a sua Egreja, desde que a luz da Historia nol-a deixe ver bem alumeada nas trevas dos seculos volvidos.

Honre-me V. Ex.ª Rev.ma aceitando este trabalho, como tributosinho que devo á nobreza de Seu caracter virtuosissimo.

Humilde subdito de V. Ex.ª

Antonio Francisco Barata.

BREVE NOTICIA

DA

EGREJA DE EVORA

DESDE OS TEMPOS MAIS ANTIGOS

ATÉ AO ANNO DE 1166

Não é facil, antes impossivel nos parece o asssignalar-se principio á Egreja Eborense.

Se 'nesta vastidão do Alemtejo a fundou algum dos Apostolos nos primeiros annos da christandade; se foi ennobrecida por São Manços, São Jordão e São Brissos, caso é que se não póde decidir de um modo peremptorio [1].

Existindo Evora em tempo de Romanos e já ao do Nascimento de Christo, natural parece que fosse visitada dos prégadores da nova doutrina do Martyr do Calvario. Não ha, porém, dado algum que nol-a afaste para além do anno 303 em que se celebrou o

---

[1] Do Bispo de Evora, S. Manços, um dos Apostolos da Santa Religião de Jesus, resa a Egreja Eborense no dia 21 de Maio, e como Santo vem indicado no Missal Eborense, impresso em 1509 e no Breviario Eborense, impresso em 1548. De S. Jordão e de S. Brissos fallam *o Agiologio Lusitano* e o *Anno Historico*, do primeiro em 6 de Agosto e do segundo em 9 de Julho. A piedosa tradição, por perpetuar seus nomes, não só nos dá nobilitada a Egreja Eborense por estes Santos, mas até no Arcebispado existem freguezias com aquelles titulos tendo as Egrejas os mesmos oragos. Que a nossa religião logo nos primeiros tempos da Egreja 'nestas partes foi seguida, duvida nenhuma offerece. Esta inscripção, achada pro-

primeiro Concilio na Hespanha, em Eliberi, o qual foi assignado por *Quinciano*, Bispo de Evora.

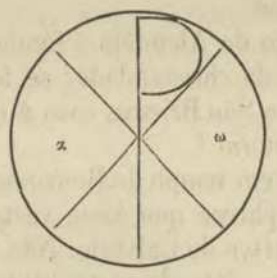
Até ao Concilio XVI de Toledo ainda se vão topando alguns nomes de Prelados desta Egreja, faltando depois da invasão arabe, em 714.

O quadro seguinte mostrará os nomes e o numero dos Bispos de Evora authenticos até proximo ao predominio mussulmano:

Nomes	Concilios	Annos
Quinciano	Eliberi (Granada)	303
Juliano		566 [1]
Zozimo	III de Toledo	597

---

ximo de Villa Viçosa, é a mais antiga testemunha lapidar que nol-o certifica, se bem que posterior ao Concilio de Eliberi:



D O M I T I A
P . V I X I T
A N . N U M
M . IIII . DXIIII

O Sr. P.e J. J. da Rocha Espanca, de Villa Viçosa, interpretou o emblema deste modo: *Jesus Christo, eterno, principio e fim de todas as cousas*, e completou e leu o epitaphio assim: *Domitia posita* (hic) *vixit annum unum menses quatuor dies decem et quatuor.*

Confórme ao estylo das inscripções christãs as seis ultimas letras deverão significar o anno 514.

[1] Aponta-nos esta data a *Hespanha Sagrada;* mas suppomos que não

Nomes	Concilios	Annos
Sisiclo	IV de Toledo	633
Abiencio	VIII de Toledo	646
Zozimo II	X de Toledo	656
Pedro	Merida	665
Tructemundo	XII de Toledo	681
Tructemundo	XIII de Toledo	683
Tructemundo	XV de Toledo	688
Arconcio	XVI de Toledo	693

O lapso de tempo de mais de quatrocentos annos, comprehendidos de 714 até 1166 é para nós e para a historia da Egreja Eborense de uma escuridão grande.

A lucta entre as duas raças, christã e mahometana, entre suas religiões tão diametralmente oppostas, maiormente na emancipação do homem da escravidão da idolatria pela caridade e pelo amor, não consentia nem a fundação de egrejas, nem a de mosteiros, ao menos nos primeiros tempos, porque nos ultimos, mais serenadas as paixões dos conquistadores, já estes permittiam o culto christão nas terras conquistadas.

---

será rigorosa, pois que a de seu epitaphio, que ainda existe em uma capella da claustra da Sé o dá fallecido em 604. Eis a vetusta inscripção:

IVLIANVS
FAMVLVS XP̃I
EPISCOPVS
EBORENSIS
H . SITVS EST
VIXIT . ANN .
PLVS MINVS LXX
REQ . IN PA =
CE KAL . DECB
ERA . DCIIII .

Ex musaeo Resendiano
translatum A . Dñi
1811 .

Depois da tomada de Evora aos mouros mais conhecida é a serie de seus Bispos, reatada pelo heroico filho de Thereza a cadeia prelaticia, que Tarik e Musa partiram a golpes de seus alphanges. Eis o quadro dos Bispos desde o comêço da Monarchia até á eleição do primeiro Arcebispo feito á vista de catalogos originaes, que possuimos:

Nomes	Annos	Observações
D. Soeiro I	De 1166 a 1180	Querem alguns que já viesse do tempo dos mouros
D. Paio	» 1180 » 1204	
D. Soeiro II	» 1204 » 1229	
D. Fernando I	» 1230 » 1246	
D. Martinho I	» 1247 » 1266	
D. Durando I	» 1267 » 1283	Esteve no Concilio de Lugduni
D. Domingos	» 1284 » 1293	D. Durando Paes
D. João I	1290	Sómente eleito
D. Pedro I	» 1292 » 1298	
D. Fernando II	» 1298 » 1314	D. Fernando Martins, ou Pires
D. Giraldo	» 1314 » 1321	Esteve no Concilio Viennense
D. João II	» 1322 » 1326	
D. Durando II	» 1326 » 1336	
D. Affonso I	» 1336 » 1339	
D. Pedro II	1339	Sómente eleito
D. Fernando III	» 1339 » 1346	
D. Martinho II	» 1346 » 1347	
D. Affonso II	» 1347 » 1350	
D. João III	» 1366 » 1369	João Gomes de Chaves
D. Martinho III	» 1369 » 1374	Martinho Gil de Brito
D. Pedro III	» 1374 » 1378	
D. Martinho IV	» 1378 » 1383	
D. Pedro IV	1384	
D. João IV	» 1384 » 1404	
D. Diogo	» 1413 » 1418	Diogo Alvares de Brito
D. Pedro V	» 1418 » 1424	D. Pedro de Noronha
D. Vasco I	» 1424 » 1430	
D. João V	» 1430 » 1436	

Nomes	Annos	Observações
D. Alvaro I	De 1436 a 1440	D. Alvaro d'Abreu
D. Vasco II	» 1441 » 1463	D. Vasco Perdigão
D. Jorge	» 1463 » 1464	D. Jorge da Costa
D. Luiz	» 1464 » 1467	D. Luiz Pires
D. Alvaro II	» 1467 » 1473	
D. Garcia	» 1473 » 1484	D. Garcia de Menezes
D. Affonso III	» 1484 » 1522	Da casa dos Vimiosos
D. Affonso IV	» 1525 » 1540	Filho de D. Manoel

1.º D. HENRIQUE, CARDEAL E REI

DE 1540 A 1564 E DE 1575 A 1578

O Cardeal D. Henrique, primeiro Arcebispo de Evora, nasceu em Lisboa em 31 de Janeiro de 1512, sendo o setimo filho de el-Rei D. Manoel e de sua segunda mulher, D. Maria.

Assumindo o governo da diocese de Braga em 1534 foi eleito Arcebispo de Evora, de cuja Mitra tomou posse em 20 de Novembro de 1540, elevada esta diocese a Metropole, por D. João III.

Havendo de sair para Lisboa, onde a menoridade de el-Rei D. Sebastião o chamava para o governo do Reino, renunciou D. Henrique no Bispo de Faro, D. João de Mello, a Mitra Archiepiscopal, em 16 de Outubro de 1564.

Acclamado D. Sebastião Rei de Portugal, em 20 de Janeiro de 1568, o illustre Prelado Eborense entregára-lhe o Governo do Reino e voltára a Evora, onde outra vez tomou posse do Arcebispado em 22 de Janeiro de 1575, fallecido já D. João de Mello, a muitas instancias do Cabido [1].

Sendo acclamado Rei de Portugal, por morte de el-Rei D. Sebastião, em 28 de Agosto de 1578, com o titulo de D. Henrique I,

o Casto, deixou de novo o governo da diocese a D. Theotonio de Bragança, eleito Arcebispo de Evora.

Depois de dois annos de decrepito reinado falleceu em Almeirim, em 31 de Janeiro de 1580, depois de haver preparado, porventura por sua má politica, a escravidão do reino por sessenta annos.

Levado para Lisboa o seu cadaver foi sepultado em Belem, onde se lhe gravou no tumulo este epitaphio:

HIC JACET HENRICUS GEMINO DIADEMATE CLARUS,
QUOD PATRIO SCEPTRO, PURPURA JUNCTA FUIT.
CONDITUR, & REGNUM PARITER CUM REGE SEPULTUM,
UT FORET IMPERII VITAQUE, MORS QUE SUI. ²

Como Prelado zeloso da religião muitas obras deixou em Evora, que tem mostrado e attestarão a sua grande piedade:

O Tribunal do Santo Officio da Inquisição foi por elle creado.

Em 1551 fundou o vasto e sumptuoso Collegio do Espirito Santo da Companhia de Jesus;

Em 1557 o da Purificação;

Em 1558 o Convento de Santo Antonio, extra-muros.

Em 1558 a nova Egreja de Santo Antão;

Em 1559 creou a Universidade;

No anno de 1562 fundou o Collegio dos Porcionistas;

Homem dado a letras este Prelado escreveu um livro, hoje mui raro: *Meditações e humilias sobre algũs mysterios da vida de Nosso Redemptor e sobre algũs logares do Santo Euangelho, que fez o Serenissimo e Reverendissimo Cardeal Iffante Don Anrique por sua particular deuação.* Lisboa, por Antonio Ribeiro 1574, 4.º

Foram seus coadjutores:

D. Frei Amador Arraes, Carmelita Calçado, Bispo de Adrumeto, natural de Beja, que morreu no primeiro de Agosto de 1600, sendo Bispo de Portalegre;

D. Nuno, Bispo de Salé, de quem pouco ou nada se sabe;

D. Fr. Gaspar dos Reis, Dominico, Bispo de Tripoli, cujo se ignoram particularidades;

D. Fr. Jeronymo Pereira, Bispo de Salé, Dominico, natural de Lisboa, fallecido em 1578 e sepultado no demolido convento de S. Domingos de Evora, com este epitaphio:

HIC SITUS EST DOMINUS FR.
HYERONIMUS PEREIRA EPISCOPUS
CALAMACENSIS.

NOTAS

[1] Comprovando este seu segundo governo da Archidiocese temos este documento:

«O Cardeal Iff.te Arcebispo deuora etc aos que esta nossa prouisão uirem fazemos saber q̃ por nos parecer que conuem assy a seruiço de nosso S.or e bem da ygreja, e pouo da uilla de Coruche por se euitarem brigas, e scandalos que podem resultar de diogo lobo servir officio algũ que toque has rendas e pertença aos celeiros da ditta Igreja, e padres della mãdamos que sem embargo da constituição que diz que o prior ou cura e ãs o nosso vig.ro da uara da ditta uilla com o seu scriuão tomem os uotos pera a eleição dos officiais dos dittos celeiros e recolhimento do pão, e pera o mais que pertt'cer ha ditta Igreja da man.ra que sempre se tomarão, e mandamos ao ditto Vig.ro sob pena de excomunhão ao ditto Vig.ro que não receba nẽ aceite uotto algũ em fauor do ditto diogo lobo pollas causas acima dittas, e por outros respectos, e esta queremos q̃ se cũpra e guarde int.ra mente da man.ra que se nella contem dada Em evora sob nosso signal e sello a ij de Mayo Miguel Roiz a fez de lxxbij Domingos Simões a fez screver. O Cardeal Iff.te

«Dom Theotonio de bragança electo Arcebp.o de Euora &. Vista esta prouisão delrey meu S.or por ainda militarẽ as causas q̃ o movêo a pasala & mandar o q̃ nella se contẽ, mandamos ao nosso vigairo da vara da Villa de coruche q̃ em tudo cumpra o nella conteudo, emquãto o asi ouuermos por bẽ, & não mandarmos o contrario em lix.a sob nosso sinal &. henrique borges a fez aos 21 de abril 1579. El.te Arcebp̃o d'Euora.»

[2] Como o Cardeal Rei não antevisse a catastrophe de Alcacer Quibir, mandára construir ao lado do Evangelho do cruzeiro da egreja do Espirito Santo d'Evora um magnifico tumulo para si, no qual foi sepultado D. Duarte, filho do Infante D. Duarte e morto em 28 de Novembro de 1576. Eis as inscripções que 'nelle se leem:

HENRICVS EMMANVELIS LVSIT . REG . INVICTISS . ET MARIAE PIISSIMAE REGINAE FILIVS, S . R . E . CARD . PERPETVVS APOSTOLICAE SEDIS A LATERE LEGATVS ET HVIVS REGNI GENERALIS INQVISITOR EX BRACARAE AVG . ARCHIEPISCOPO NECESSARIAS OB CAVSAS PRIMVS EBORENSIS DEINDE OLYSIPPONEN . AC RVRSVM EBOREN AR-CHIEP . CAENOBIORVM ALCOBACIEN . AC SANCTAE CRVCIS CONIMBRICEN . COMMENDATARIVS, EXCELLENS OMNIS MEMORIAE PRINCEPS SEPVLTVRAE LOCVM HVNC SIBI VIVENS ELEGERAT QVIA VBI NVMINIS FAVORE NON PARVM ALIORVM CONSVLVERAT SALVATI, IB ANIMAE SVAE PER CONTINVATA SACRIFICIA ET PRECES NON INGRATAE POSTERITATIS PROPITIVM IDEM FORE NVMEN MERITO CREDEBAT AC SPERABAT .

POSTEA TAMEN DEI OPT . MAX . MVNERE REX IVSTA PATREM ET MATREM AC FRATRES SEPELIRI CVMPVLSVS EST .

AQVI . IAZ . O SNOR̃ . DOM . DVARTE . FILHO . DO . IFF.te DOM . DVARTE . E . DA . IFF.te DONA . IZABEL . FA.l A. 28 . DE 9.bro DE . 1576

2.° D. JOÃO DE MELLO

DE 1564 A 1574

Em Villa Viçosa nasceu este Prelado, de D. Pedro de Castro e de D. Brites de Mello.

No paço do Bispo de Evora, D. Affonso de Portugal, recebeu elle esmerada educação.

Nomeado e confirmado Bispo de Silves, em 1549, passou d'ali para Arcebispo de Evora, em 1564, pela renuncia do Cardeal D. Henrique, e tomou posse em 19 de Janeiro de 1565.

Algumas obras fez este Prelado na Sé, sendo uma dellas o pulpito, que hoje existe embebido em uma columna da nave central.

Reedificou o paço archiepiscopal, mandando-lhe fazer um jardim em todo o andar superior, que ora existe transformado e habitado pelos Prelados.

Com especial commissão do Cardeal D. Henrique foi elle quem, em 1573, lançou a primeira pedra no Collegio da Companhia.

No mesmo anno de 1573 convocou synodo em Evora [1].

Por nomeação de el-Rei D. Sebastião foi este Prelado o primeiro Presidente da Meza do Desembargo do Paço.

Attribuem-se-lhe as *Constituições do Arcebispado de Evora*, impressas 'nesta cidade por Antonio de Burgos, em 1565, e as primeiras do bispado do Algarve, impressas em Lisboa, em 1554.

Deixou de sua penna um livro rarissimo hoje, que se inscreve: *Principios e fundamentos da christandade ou dialogos com um breve summario de lembranças do que cada hum deve guardar no estado da vida que tomou.* Reimpresso em Evora por André de Burgos em 1566. Deste livro possue no Porto um incompleto exemplar o sr. Visconde de Azevedo. Na Bibliotheca Publica de Evora não existe.

Falleceu em 5 de Agosto de 1574 e jaz ainda hoje na capella da Ceia do Senhor, na Sé, com este epitaphio:

S. DE DOM
IOÃO DE ME
LLO ARCE-
BP̃O DEVORA
FALECEO
A 5 DAGOS
TO 1574.

NOTAS

* A carta Pastoral convidando o Bispo de Tanger e Ceuta é concebida 'nestes termos:

«Dom João de Mello por merce de Deus e da S.ta Igreja de Roma Arcebispo de Evora. Ao Mui Illustre e Reverendissimo Senhor Bispo de Tanger, e de Seita do Cons.º de S. Alteza, e sufraganio desta Metropole saude em Jesus Christo Nosso Senhor. Fazemos saber a Vossa Senhoria que por ser ordenado por Decreto do Sagrado Concilio Tridentino que os Arcebispos Metropolitanos de tres em tres annos em suas Prelasias celebrem Concilio Provincial para nelle se tratarem e ordenarem as cousas que parecerem necessarias para reformação de costumes e augmento do culto Divino e Castigo de culpas, e emẽda de agravos e concordia de differenças

e controversias, e para bem das almas dos subditos e serviço de Nosso Senhor. Nós, dezejando cumprir com esta tão grande obrigação, e satisfazermos a tudo o que 'nesta parte o dito concilio ordena e manda, asentamos com a graça do Espirito Santo começar Synodo Provincial 'nesta Nossa Igreja Cathedral de Evora em o primeiro domingo do mez de Maio do anno que vem de 74: a elle pella prezente rogamos e pedimos muito a Vossa Senhoria e sob penna de obediencia e das mais censuras e pennas de Dereito Mandamos que se ache prezente no dito dia nesta cidade de Evora para que com seu parecer e prudente Conselho e dos outros Irmãos Comprovinciaes Nossos se dê determinação nas couzas sobreditas; e vira instructo com os apontam.tos que lhe bem parecerem, e lhe cumprirem a serviço de Nosso Senhor e bem das Igrejas do seu Bispado, e de toda esta Provincia, e proveito das almas dos subdittos: e exortamos a V.ª S.ª que nessa Igreja Cathedral, e nas outras dessa cidade e Bispado mande fazer a Nosso Senhor, em quanto este Synodo Provincial durar, preces para que nos alumie, e nos dê graça que nelle ordenemos o que for para mais seu S.to serviço, e bem das almas dos Nossos subditos: e Nós mesmo mandaremos tãobem fazer nesta Nossa Igreja Metropolitana e nas mais deste Nosso Arcebispado: e não vindo V.ª S.ª o que delle se não espera, nem por isso se Leixará de celebrar o ditto Concilio, e eu procederei contra V.ª S.ª conforme a Direito; para o que o hei por requerido; e o Notario ou Escrivão que esta lhe notificar passará disso certidão. Dada em Evora sob Nosso Signal e Sello aos 18 dias de Novembro de 1573.»

3.º D. THEOTONIO DE BRAGANÇA

DE 1578 A 1602

Na cidade de Coimbra nasceu D. Theotonio de Bragança, sendo filho do quarto Duque daquelle titulo.

Viajou no estrangeiro e estudou em Bordeus e Pariz, onde tomou o grau de Doutor em Theologia.

Voltando ao Reino, opulento de instrucção e de virtudes, professou a Regra dos Filhos de Santo Ignacio e foi nomeado Thesoureiro da Collegiada de Barcellos, logar de importancia 'naquelle tempo, e coadjutor e futuro successor do Cardeal D. Henrique, com o titulo de Bispo de Fez, por Bullas de 28 de Junho de 1578, e definitivamente provido no logar, em 28 de Agosto do mesmo anno, com a saida do Cardeal para Rei.

Em 27 de Dezembro d'aquelle anno entrou em Evora, e 'nesse mesmo dia tomou posse da Mitra.

Foi D. Theotonio um magnanimo Prelado.

Nas pestes que assolaram Evora e o Reino em 1580, 1597 e 1599 gastou este grande Prelado avultadas sommas com os apestados, propinando até aos doentes por suas mãos os medicamentos.

Beneficiou a Sé dando-lhe entre outras cousas uma *alampada grande*, porventura roubada com muitas pratas da Cathedral pelos Francezes, em 1808.

Os jardins que, para recreio dos Prelados, D. João de Mello mandára construir sobre o Paço Archiepiscopal converteu elle em vastas salas.

Deu começo ao Collegio de S. Manços; doou ás Convertidas o palacio dos Camões e acabou o Convento de Santo Antonio.

A obra, porém, que mais cuidados lhe mereceu e na qual gastou passante de 200:000 cruzados, foi a Cartuxa de Evora [1]. Eil-a ahi subsiste ainda, arruinada testemunha da grandeza d'aquelle Principe, patenteando sua vastissima e commoda fabrica. Doára-lhe uma riquissima livraria não a esquecendo em seu testamento.

O *Regimento do Auditorio Ecclesiastico do Arcebispado de Evora e de sua Relação* é obra sua. Foi impresso em Evora por Manoel Lyra, em 1598.

Á sua custa foram impressas as *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escreveram do Japão.*

Achando-se em Valhadolid ali expirou, em 29 de Julho de 1602. Trasladado a Evora o seu cadaver foi sepultado na capella mór do Convento de Santo Antonio, extra-muros da cidade, com o epitaphio que se vae ler, e com a singular advertencia que por baixo delle havia!

Notavel é que Prelado de tanta humildade, como nol-o pintam as memorias, para si e para seus collegas quizesse tão singular exclusivismo além da morte. É mais um facto que nos mostra a imperfeição do ser humano.

AD. D. O. M.
GLORIAM.
CŒNOBIUM ISTUD D. ANT. PROVIN. PIETATIS AB HENRICO CARDENALI INFANTE, & ARCHIEPISCOPO EBORENSI, & POSTMODUM PORTUGALLIAE REGE, MAGNA EX PARTE CONSTRUCTUM, THEOTONIUS JAMETIS IV, & JOANNAE Á MENDOÇA DUCUM BRAGANTIAE FILIUS, CUJUS CORPUS HIC IN DOMINO QUIESCIT, UT DICTI REGIS EJUSDEM ARCHIEPISCOPATUS COADJUTOR, & FUTURUS SUCCESSOR, ITA SUAE PIAE VOLUNTATIS ZELATOR, PROPRIIS SUMPTIBUS PERFICIENDUM CURAVIT, CONSUMMATUMQUE VIDIT. OBIIT DIE XXIX JULII ANNO MDCII.

IN HAC MAIORI CAPELLA NEMO, EXCEPTIS ARCHIEPISCOPUS. EBORENSIBUS, HUMARI POTEST.

Foram seus coadjutores e governadores:

Bartholomeu Figueira, que nos apparece em Março de 1589 assignando uma Provisão para o Padre Pedralvares pagar a Antonio Arnáo mil oitocentos réis, sem, comtudo, dizer em que qualidade assigna;

Diogo Nunes Figueira, eleito Bispo de S. Thomé, que recusou os Bispados do Japão e de Angra;

Fr. Christovam da Fonseca, Trinitario, Bispo de Nicomedia;

D. João de Bragança, seu sobrinho, nomeado Bispo de Vizeu em 1599, o qual jaz sepultado na claustra dos Loyos de Evora com este epitaphio:

AQUI IAZ DOM IOÃO DE
BRAG.^{CA} FILHO DE DÕ
FRC.^{O} DE MELO SEGD.^{O}
MARQUES DE FERR.^{A} INDIGNO
BISPO DE VIZEU FALE
CEO A QVATRO DE FEVE
R^{O} DO ANNO DE 1609.

D. Fr. Christovam de Jesus, foi seu Provisor em 1595.

O Licenciado Manoel Gomes, Vigario Geral em 1593.

Impressa corre a vida deste Prelado, escripta por seu capellão, Nicolau Agostinho, e na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tomo 5.º pag. 649 e seguintes se occupa delle Barbosa Machado com muita individuação.

NOTAS

[1] Tão curiosa nos parece a folha de uma semana de feria aos obreiros da Cartuxa, que não podemos esquivar-nos á sua publicação. Eil-a:

Semana q̃. comenzou 2.ª f.ª a 14 desetembro e acabou sabado a 19 do dito do ano 1598.

Officiaes pedreiros

P.º franc.co a 160 sinco dias.... 800
An.to correia a 140 » » 700
Baltazar feẽ a 140 » » 700
P.º steues a 140 » » 700
Simão de pina a 140 » » 700
Joam castanho a 140 » » 700
An.to gomes a 140 » » 700
Gonsalo fran.co a 140 » » 700
Luis gomes a 140 dois dias..... 280

Carpinteiros

João simõis a 140 sinco dias.... 700
Baltasar mart.s a 140 » » 700

Seradores

gons.º forte a 140 quatro dias.. 560
gons.º feẽ a 140 » » .. 560

Cauoq.ros dalu.a

Dg.s correa a 80 sinco dias..... 400
P.º dias a 80 » » 400
Fran.co m.el a 80 » » 400

Cauoq.os dapedracal

And.a feẽ a 140 sinco dias..... 700
Thomeo pir̃ a 140 » » 700

Seruidores da pedracal

Marcos glz̃ sinco dias a 80..... 400
Andrea nunes a 80 sinco dias... 400
Mathias glz̃ a 80 » » ... 400

Soldada

Joam pires da ult.a paga do seu mes..... 800
Diogo mart.º boeiro da pr.a paga 500
Luis dias boeiro » » 500
An.to moço boeiro » » 500
An.to feẽ q̃ caretou ulu.a 2 dias a 80..... 160
Balchor castellão almocreve da pr.a paga do semestre..... 400

16:340

Seruidores de pedreiros

gons.º pires a 80 sinco dias.... 400
Amaro fran.co a 80 » » 400
Af.º mart.s a 80 » » 400
And.a gaspar a 80 » » 400
An.to fez a 80 » » 400
Alvaro ferreira a 80 » » 400
Baltasar roiz̃ » » 400
Dõs martines » » 400
Dõs marques 4 dias 320
Dõs gago 5 dias a 80..... 400
Dõs feẽ » » 400
Dõs dias » » a 80..... 400
fran.co glz outro tanto 400
jorjenas outro tanto..... 400
Luis Lopes » » 400
M.el pombal sinco dias a 80 260
e a aluaro ferreira por elle... 140
Martino sinco dias a 80..... 400
Miguel dias 2 1/2 e gaspar de situbul (2 dias..... 360
P.º glz 4 dias a 80 320
P.º preira tres dias a 80 240

Achegas

H.º feẽ de desenfornar o 0/16 forno de tijolo..... 480
Luis correia demfornar e coser o 0/17 e ultimo forno de tijolo 1:000
Duarte feẽ de corte de 10 car.das de piormo que truserão as caretas de S. S. a 60 600
Gaspar dias carreto de 22 car.das de chamica a 150... 3:300
An.to feẽ gago corte de 33 car.das de chamica a 64.... 2:112
as 11 truserã as caretas da obra.
P.º manhos careto de 7 car.das de chamica a 150 ..... 1:050
Bento feẽ corte de 7 car.das de chamica a 64..... 448

15:630

gonsalo gomes noue alqueres e meo de farelo a 60.....	570
joam lopes de cabos de marrois dous vinteis	40
Luis lopes, Martino, Dõs dias, Dõs fez̃ de alimpar a eisterna seiscentos.....	600
Duas cargas de lenha para quebrar a pedracal.....	120
Sũma ao todo esta ferea.....	34:300

Fr. Siluestro Caluo.

Don Theotonio de bragança Arc.º d'Euora etc mando auos D.º pereira q̃ siruis de noso Th.º do di.º darca q̃ delle pagueis as p.as conthoudas nas sesenta e hũa adiçoes da f.a atrás trinta e quatro mil e trsentos rs q̃ hão de hauer do trabalho q̃ fizerão e achegas q̃ puzerão na obra da Cartuxa esta somana q̃ acabou aos 19 deste mez E por esta e certidão do escriuão da dito arca de como os receberão mandouos sejão leuados em cõta em esta fiquando a rasão no l.º da dita arca e pelo noso cõtador, e lançados no l.º das ditas fereas e o acento asinado pello p.e apuntador Euora sob sinal do Snor Bp̃o de nicomedia por nosa comisão aos 20 de sett.º 98.

O Bp̃o de Nicomedia.

4.º D. ALEXANDRE DE BRAGANÇA

DE 1602 A 1608

Foi D. Alexandre de Bragança o terceiro filho do Duque d'aquelle titulo, João I, e de D. Catharina. Nasceu em Villa Viçosa em 17 de Setembro de 1570.

Em Coimbra estudou Theologia, em cuja Faculdade se doutorou, assim como na de Canones.

No mez seguinte áquelle em que morrera D. Theotonio, Filippe II o nomeou Arcebispo de Evora, em 13 de Agosto de 1602.

Entrou 'naquella cidade em 1603 e tomou posse em 21 de Março do referido anno.

Curto foi o seu governo; mas 'nelle se esforçou por imitar as virtudes de seus thios.

Na casa em que nascera S. João de Deus em Monte-mor-novo mandou elle fazer uma elegante egreja, que mais tarde foi Convento de sua Ordem.

Grave contenda houve em seu tempo entre elle e o cabido. Mandára D. Alexandre fazer uma tribuna na Sé com entrada para o paço, a fim de assistir d'ali aos actos religiosos. Irada e suspicaz aquella corporação, por julgar que D. Alexandre antes queria

espiar seus actos do que assistir aos officios divinos, fez grandes queixas a el-Rei, enviando mesmo a Lisboa um conego. Renhida foi a lucta, como se deprehende dos documentos ineditos adiante postos, e que alguma luz derramam nas trevas d'aquella desintelligencia [1]. A tribuna foi demolida em 1856.

Achando-se em Villa Viçosa ali falleceu, em 11 de Setembro de 1608. Foi sepultado na egreja de Santo Agostinho, junto de seus maiores, com este epitaphio:

O SENHOR . DOM . ALEXANDRE . ARCE-
BISPO, DE . EVORA . FILHO . DE . DOM IOÃO . VI .
DVQVE . DE . BRAGÃÇA . E DA . SENHORA .
DONA . CATARINA .

Não falam as memorias de obras, ou melhoramentos, por elle mandados fazer na Cathedral.

Dos documentos que temos apenas consta que, em seu tempo, fôra feito por Francisco Fernandes o relogio dos quartos da Sé [2].

NOTAS

[1] Temos presentes algumas cartas de Gaspar de Barros Velho, escriptas de Lisboa ao Secretario do Senhor D. Alexandre, Francisco de Brito, e áquelle mesmo, e por ellas se vê que os conegos mandaram á capital a Sebastião da Costa, a fim de lhes advogar a causa.

Em 23 de abril de 1604 diz Gaspar de Barros velho «... não temos nouas nem carta do q̃ la passa somente o que diz Sebastião da Costa, e nos dizem a nós q̃ he dizer q̃ estauam em concerto com o S̃. Alexandre, do que me rio com dizer q̃ são friezas de Sebastião da Costa, e q̃ este caso não he de concerto se nã[o] de castigo, elle ia se anda escusando, por q̃ acha tudo tomado...» Termina «... os agentes e os mais ficão tão inteirados em tudo que sou cá escusado, mas farei o q̃ s. ex.ª me mandar, ainda q̃ vim tão afforrado por chegar a tempo q̃ aproueitasse q̃ estou ca com muitas incõmodidades.»

Em 23 de Abril do referido anno diz o mesmo n'uma segunda carta,

que fallou a Damião de Aguiar e Pero Barbosa que são de opinião que nenhuma razão tem os conegos.

Por uma outra carta extensa, com data de 26 de Abril, se vê que D. Alexandre tomou todas as avenidas aos conegos. Termina: «o visorey aprouou muyto o mandar v. ex.ª a Valhadolid e dise hia a carta delrey muyto boa q̃ nos leo e elle está muyto bem neste negocio por nossa parte e deseia haueer castigo nelle.»

Longas são as cartas de Gaspar de Barros Velho; mas, ainda assim aqui poremos uma, escripta em Lisboa em dia de Paschoa d'aquelle anno, e um documento curioso dos Notarios Apostolicos Sebastião Lopes e Mathias Gallo, bem como uma carta de Francisco da Motta Pessoa, ambos por extracto.

Montou tanto ter bem informado ao Visorei primr.º q̃ este ouvisse os disbarates q̃ cá diz sebastião da costa. q̃ foy todo o bom successo deste negocio e ia agora com a contumacia dos conegos, e com a benignidade q̃ V. ex.ª usou com elles em os mandar absoluer não he necessario justificar esta causa da nossa parte q̃ a temos bem justificada e tomadas as portas ao conego, Mas tratar q̃ se lhe de o castigo merecido, e nisso está o Visorei. O correo chegou aqui sesta feira á noite, e logo ontẽ pella menhã cedo fui ao Visorei e lhe dei a carta de V. ex.ª e referi o que passaua e como nem os conegos q̃ não forão declarados, quiserão ir assistir com V. ex.ª no officio dos ramos nem com os q̃ V. ex.ª absolueo forão as matinas de quarta fr.ª do q̃ elle se espantou, e disse merecião castigados.

Sahindo do Visorei fui buscar o agente do duque e este me tinha vindo buscar, e assi nos encontramos nesta casa e o inteirei do negocio, e lhe disse q̃ importaua dar logo ao Visorei a carta, q̃ elle lhe deu ontem acabãdo de jantar, e mostrou vontade e deseios de servir a V. ex.ª do q̃ veo contente o agente. E com rezão por q̃ os desembargadores do paço cuidão q̃ ia la se mandou fazer a diligencia de q̃ avisei a v. ex.ª pello correo, e o visorei tem a consulta della na mão e diz q̃ não ira.

Este dia de paschoa mandou chamar ao L.ᵈᵒ fr.ᶜᵒ da mota, e lhe deu a carta q̃ com esta mandamos a v. ex.ª e me mandou dizer q̃ por hum proprio a mandassemos a V. ex.ª logo como vae a 15 legoas.

E porq̃ o correo q̃ tornou com as de V. ex.ª me disse q̃ tambem vinha hum caminheiro do cabido, logo ainda q̃ era de noite fui ter com o coleitor, pera o preuenir, e fazer queixume dos conegos não irem aos officios de ramos e quarta fr.ª maior, e como usarão mal da M. q̃ v. ex.ª lhes fizera com os absoluer, ainda antes de ser dada a V. ex.ª a carta em que lhe pedia os absoluese ad reincidentiã por este tempo santo, e lhe mostrei as certidões como fiz ao visorei, mostrou q̃ se enfadaua muyto do q̃ fizerão os conegos, e o estranhou, porq̃ eu lho encarci em forma q̃ não podia elle fazer outra cousa, e bem cuido q̃ se Ruy pĩz da veiga não puxara tanto por elle, q̃ fora mais atento no caso, Mas prometeome q̃ nenhũa cousa faria sem primr.º nos dar vista ainda q̃ ia agora assi nas censuras, como nas prisões, q̃ he a appellação q̃ ca lhe veo não tẽ cessado pella absoluição q̃ v. ex.ª lhes deu, foi não o menor desatino dos conegos excõmungados não

a quererē aceitar, porq̃ disse eu ao colleitor, q̃ elle não devia nem podia ia absoluelos, pois v. ex.ª a quem direitamente como Juiz pertencia a absolvição, e os absolvia, disseme q̃ os não absolueria, o que cuido fara, se o não leuar Ruy piz, Mas requeremos Justiça, tambem disse ao agente do duque desse logo ontē a carta do duque ao coleitor, q̃ vinha em muito boa forma, como tambem a do visorei, porq̃ mandarão ao agente a copia dellas, que me mostrou, e folguei de ver, a este negocio temos até agora feito bem seu officio, e lhoimos por horas fazendo, e não me dou por contente com rebater as falsas relações de sebastião da costa, q̃ essas a verdade, e rezão q̃ temos as rebatem, Mas q̃ os julguem por dinos de castigo, como dizē todos os q̃ nos tem ouvido, e ouvem, porq̃ temos informado cada hum por sua parte muita gente.

Sebastião da Costa, não perdeu sua manha, e por excusar suas desordēs e de seus concanonicos, diz q̃ v. ex.ª por se despresar do lugar da capella fazia a tribuna, pera não vir a elle, e se não contentaua v. ex.ª com o lugar, q̃ teue o cardeal Dom Afonso, e dom Henrique e alargouse tanto q̃ disse q̃ v. ex.ª disera, q̃ era mais que o cardeal e dom Henrique, no q̃ se desacreditou, porq̃ não foi crido, e eu respondi a tudo isso em forma, q̃ se entendeo seu animo, e tenção, ainda q̃ se lançou mão disso, diz mais quando lhe dão em rezão com os motīs, q̃ elle não mandou repicar, q̃ foi o chantre, e nega tambem q̃ bradou á porta da sé — pouo acodi q̃ nos derrubão a vossa sé, Mas q̃ elle fora á porta da sé a dizer aos q̃ acudião q̃ se tornasem, q̃ não avia nada, e nisto o conuencemos com autos e com o mais q̃ disemos.

E diz q̃ tiuerão os conegos muyta rezão de impedirem a tribuna, porque v. ex.ª a não abria com seu consentimento, ao que respondemos, que nunqua se fez obra na sé pera q̃ se pedisse consentimento do cabido, porq̃ a administração da fabrica, he tam liure do prelado q̃ nenhūa dependencia tem do cabido, e referimos particularmente todas as obras q̃ os Arcebispōs passados fizerão na sée, ainda muito maiores q̃ estas sem o cabido interuir nisso nem se lhe dar conta, e q̃ preiudicara v. ex.ª muyto a esta posse e liberdade, se lhe pedira consentim.to, ou dera conta, que isso bastara pera elles depois pertenderem, q̃ não se auia de fabricar sem seu consentim.to o q̃ se mostraua bem neste excesso, pois sem terem tal posse, fingião em seus requerim.tos, e sendo elles os q̃ pretendião fazer força e esbulho a v. ex.ª, dizião q̃ v. ex.ª lha fazia.

Diz tambem q̃ v. ex.ª não podia sem licença de S. Mg.e abrir a tribuna por ser a Igreia sua, e nisto faz elle muyta força por leuar com isso os ministros de S. Mg.e, ao q̃ respondemos q̃ S. Mg.e tem somēte a nomeação do Arc.o por morte do que falece, e q̃ não fez a sé, e q̃ nem elle, nem seus ministros podem intrometerse no q̃ se fabrica nella, com as rezōis, e direito q̃ fundão esta conclusão, e deste parecer são todos a fora os desembargadores do paço, q̃ tudo querem lhes fique sogeito, Mas eu lho disse em forma, q̃ fiquei satisfeito, e elles menos seguros. tambem enche muyto a boca de romper paredes. e quando fazemos demostração do q̃ he, e eu mostro debuxo, como tenho mostrado e vou mostrando a meo mundo, fica a nossa causa Justificada, e seu intento, e excesso condenado, elle solta a lingoa, e pera falar bem escolheo o cabido, Mas quanto mais fala, mais se entende sua paixão, e de desacredita no q̃ diz, por q̃ mostramos claro todo o contrario, e como somos mais e falamos mais a preposito, e verdade,

essa vae prevalecendo. e por muyta zizania q̃ semea, toda se lhe colhe, e lança no fogo, referi isto a v. ex.ª por q̃ na sua me diz q̃ o faça.

O Doutor p.º Barbosa a quem dei a de v. ex.ª e conta do negocio se espantou dos conegos, e disse q̃ nenhũa rezão nem Just.ª tinhão, e falamos nisso muyto de vagar, e disse q̃ por seruir a v. ex.ª e fazer o q̃ lhe eu pedia assi o diria esta festa ao visorei, e aos do paço, e as mais peçoas q̃ nisto podião ter voto.

aos doutores diogo da fonseca e dimião daguiar dei as cartas q̃ pera elles vinhão e inteirei muito bem no caso, diogo da fonseca achei bẽ affecto, dimião daguiar ao principio estaua com o despacho q̃ derão Mas depois q̃ me ouvio, fiquou bem e disse tinhamos rezão, ainda q̃ eu fio pouco destes s.es seculares, Mas deonos dS̃ ao visorei, q̃ fara Justiça e tem zelo,

A Martim g̃lz dei a carta de v. ex.ª he como falar com hum mas deilhe conta de tudo, e a todos me queixaua dos excessos dos conegos e os particularisaua, e exagero com as palauras necessarias e q̃ melhor podem declarar o negocio, e sempre meto, q̃ he caso digno de castigo, este não me respondeo mais senão, q̃ em tudo serviria a v. ex.ª não se encontrando com o seruiço de s. Mg.e a isso lhe respondi, q̃ v. ex.ª não pertendia q̃ se encontrase o seruiço de s. Mg.e nẽ o encontraria nunqua, e q̃ pois neste caso não avia esse encontro, q̃ confiado estaua v. ex.ª em elle fazer o q̃ dezia a surdo, está muy acabado

A Marcos teixeira dei a carta, e relação do caso, e temse mostrado amigo, e sei disse a sebastião da Costa muytas cousas de q̃ elle se não contentou, e falou com o colleitor, e me disse q̃ ainda q̃ perdera o Arcediaguado, que não póde perder, q̃ neste caso em q̃ v. ex.ª tem tanta Justiça não fazia pelo cabido cousa algũa, antes seruiria nelle a v. ex.ª e assi o disse a sebastião da costa, e comnosco por onde acha o defende. o contrario me disse ruy p̃z da veiga, por q̃ diz q̃ na tribuna não falará Mas na absoluição e soltura dos conegos avia de falar, e assi o fez ao Coleitor, eu comtudo informeyo do q̃ me pareceo nos convinha, na forma em que o achey. por lhe não dar armas.

Antonio de Mendoça fui informar como v. ex.ª me mandou, e por convalescente de duas sangrias, e ser vezitado de muytos q̃ se acharão cõ elle estando eu hahi, como foy o conseruador, das ordẽs, e o juiz dellas dous deputados da Mesa da consciencia, e outros dous fidalgos a todos referi os excessos dos conegos ajudando-me o mesmo Ant.º de Mendoça, e estranhando todos o q̃ fizerão, entendo q̃ temos feyto nisto tudo o q̃ convinha e imos fazendo, e se parecer a v. ex.ª q̃ importa instar ao visorei pello castigo, podera ser de proueito quando v. ex.ª o não tratar com sua Mg.e e com o papa, por q̃ estes excessos não fiquem sem devido castigo pera exemplo.

E se parecer a v. ex.ª q̃ o determe eu ca mais, pois temos bẽ espalhado e informado isto, não serve pera o intento que ouve de minha vinda, q̃ era informar do negocio somente com ordem de v. ex.ª estarei ou me mudarei, por q̃ pera o mais entendo q̃ fr.co da Mota o fara muyto bem, e mais estando ia tam entrado neste negocio, e fr.co Mendez preto, q̃ em tudo tem mostrado serem bons seruidores.

o visorei me mandou a carta q̃ vay pera o duque, q̃ a mandasse per este a v. ex.ª pera q̃ logo a mandase com um proprio ao duque nosso s.r

de a v. ex.ª muyto festas com muyta vida e gostos d'ella, Lisboa, dia de paschoa, de 1604

criado de v. ex.ª

gp.ar de Barros velho.

É uma declaração authentica feita pelo Juiz de Fora na presença de D. Alexandre de que fôra chamado á Sé por dois conegos que lhe pediam mandasse parar a obra da tribuna, o que elle não fizera, e se retirara; mas que apenas chegado a casa ouvira repicar os sinos da Sé, a que acudiu muita gente da cidade e elle tambem; e que chegado ali vira muita gente e lhe disseram os conegos que em cima na tribuna estavam homens armados: que subira lá e que só achára um homem, que disse ser recebedor da obra da Sé, e que não vira armas nem alabardas. Esta declaração é assignada por *Bastião Lopes* e por *Mattias Gallo*.

É uma carta de Francisco da Motta Pessoa, escripta de Lisboa aos 8 de Março de 1604 pelas mesmas consoantes da de Gaspar de Barros Velho, opinando por castigo e terminando por contar ao Arcebispo um caso acontecido com o Bispo do Algarve, D. Francisco Cano e o Deão d'aquella Sé, o qual por desobediente fôra mandado pelo Cardeal Alberto para Elvas, onde esteve muito tempo.

[2] «Diz francisco fiz morador nesta cidade, que elle fez o Rellogio dos quartos da Se, E continuou E hora continua temperando ao das Horas E aelle: E porque tinha dantes somente sinco mil rs de ordenado somente por anno; E pelo muyto trabalho que lhe recresceo com o nouo trabalho do Rellogio dos quartos auera tres mezes que V. Excellencja lhe fez merce de lhe acrecentar no ordenado mais tres mil reis, de maneyra que tem hoie oyto mil reis.

E porque elle supp. seruiu temperando ambos os Rellogios depois que fez o dos quartos antes de ser acrecentado por espaço de hum anno com muyto grande trabalho, no qual merecia muyto bem os ditos oyto mil rs, e não recebeo mais que sinco, e he homem muyto pobre, E tem molher e hum filho Ceguo, E por não correr seu officio temsuas necessidades. Pede a V. Excellencja aya por bem fazerlhe . m. mandar que se lhe paguem do dito anno que assim continuou com o nouo Rellogio dos quartos, os ditos tres mil reis que lhe foram acrecentados, E lhe nam foram paguos. E R. M. = (Despacho) Havendo resp.to ao que o sup.te diz lhe fazemos me de dois mil rs. Ev.ª a 22 de julho 604.»

Alex. A.

5.º D. DIOGO DE SOUSA, I

1610

Não acceitando a Mitra Eborense o Bispo da Guarda, D. Nuno de Noronha, em 1608, foi nomeado o de Miranda, D. Diogo de Sousa, que já fôra Arcediago de Evora.

Nasceu em Braga este Prelado, e foi filho natural de D. Pedro de Sousa, Deão da Sé d'aquella cidade.

Tomou posse do Arcebispado em 27 de Maio de 1610, e falleceu em 30 de Dezembro do mesmo anno. Foi sepultado na Sé; mas, debalde se lhe procura ali a campa, certamente desfeita no seculo passado, quando D. João V mandára fazer a capella-mór e ladrilhar todo o pavimento da egreja.

A ponto veem aqui as palavras do sr. A. Herculano: «quem hoje quizesse escrever as biographias dos nossos homens illustres talvez já não podesse dizer onde actualmente jazem os restos da maior parte d'elles. O braço omnipotente do vandelismo estendeu-se para as sepulturas: as campas estalaram e os ossos de nossos avos lançaram-se aos cães e rolam pelo pó das estradas e pelas immundicies das ruas.»

Da breve administração d'este Prelado apenas consta que mandára habitar o convento de Valverde, d'onde os frades por vezes saiam, pelo doentio do sitio.

6.º D. JOSÉ DE MELLO

DE 1611 A 1633

Do segundo Marques de Ferreira, D. Francisco de Mello, foi filho bastardo este Prelado.

Nasceu em Evora e foi creado em Moura, sem conhecer seu pae.

Com o nome de José Pimenta estudou em Coimbra em companhia de seu irmão, D. João de Bragança.

Diz Fonseca, na *Evora Gloriosa*, que elle estudára em Evora onde se formou com uma capellania das 26 creadas pelo Cardeal D. Henrique para estudantes pobres, e que fora elle quem depois as extinguira. A boa critica, porém, repelle esta asserção.

Agente em Roma das coroas de Portugal e Castella, tão bem se houve no desempenho de sua missão, que, por se lhe recompensarem serviços, Filippe III o nomeou Bispo de Miranda.

Por morte de D. Diogo de Sousa foi elle o eleito para o logar vago, tomando posse por procuração sua Diogo de Miranda Henriques, Deão da Sé de Evora, em 11 de Setembro de 1611. Entrou em Evora no dia 6 de Novembro.

Foi Prelado esmoler e amigo da justiça.

Os Sanctuarios da Sé foram por elle mandados fazer, assim como grandes obras no paço archiepiscopal. Sobre a porta

principal como em muitos azulejos ainda hoje se veem suas armas.

A egreja do Collegio de S. Manços mandou elle fazer, augmentando os dotes ás donzellas, assim como tambem é obra sua o palacio da Quinta de Valverde.

Padroeiro do convento dos Remedios em Evora, muito beneficiou aquella casa, devendo-se-lhe a agua perenne que alli corre ainda hoje.

A reimpressão das *Constituições do Arcebispado* foi por elle mandada fazer e distribuir pelo clero da archidiocese.

Foi este Prelado quem muito contribuiu para a canonisação da mulher de D. Diniz, Santa Isabel, a qual logrou ver concluida por Urbano VIII, sendo já Arcebispo, festejando-a sumptuosamente na sua Cathedral e no Arcebispado.

Tambem se lhe deve o alcançar elle de Roma o Breve que fundou o Collegio dos Militares em Coimbra e o Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação de Lisboa, das Commendadeiras da Ordem Militar de S. Bento de Aviz.

Filippe IV foi por este Prelado recebido em Evora com bastante apparato em 1619.

Foram seus coadjuctores:

D. Frei Gaspar Soares, da Ordem de S. Domingos, Bispo de Targa, morto em 1625.

D. Frei João Soares, Trino, Bispo de Madauro, natural de Villa Nova d'Anços, no Bispado de Coimbra, morto em 1621.

D. Frei Manoel dos Anjos, Bispo de Fez, natural de Alcacer do Sal, morto em 1634.

O Licenciado Francisco Martins Monteiro, foi seu Vigario Geral em 1619.

Falleceu em 2 de Fevereiro de 1633 e jaz sepultado em um magnifico tumulo da parte do Evangelho na capella-mór da Egreja dos Remedios, porque o Marquez de Ferreira o não deixou sepultar na dos Loyos, com esta letra:

S . DE . D . IOZE-
PH . DEMELLO . FILHO . DO .
MARQVÊS . DE FERREIRA
DOM FRANCISCO . PRIMEIR-
O DESTE . NOME, BISPO . QVE .
FOI . DE MIRANDA . ARCEBIS-
PO . DE . EVORA . FVNDADOR .
DO . PADROADO . DESTE . CO-
NVENTO . COM . SEIS . MISSAS .
QVOTIDIANAS . E TRES OF-
FICIOS . CADA . ANNO . POR . SVA
ALMA . DE SEUS PAYS . IRMÃOS .
PADROEIROS . E SVCCESSORES .
E PARENTES . FALECEO . A 2
DE FEVEREIRO . DO ANNO DE 1633.

NOTAS

* Entre muitos documentos que deste Prelado possuimos, são justificativos de suas obras os seguintes:

Dom Joseph de Mello Arc.º de Euora etct. Mandamos a uos p.e Manoel marques nosso Thesour.º q̃ pagueis a Diogo g̃lz pedreiro quarenta e cinquo mil quinhentos noventa e sette réis q̃ lhe são deuidos de obras q̃ fez nas nossas casas de jornal em q̃ entrão as achegas dellas de madeyra cal area, telha e canudo e trinta bordos. E tudo o mais necessario para as ditas obras. E por esta e seu conhecimento nas costas desta de como de nós recebeo os ditos quarenta e cinquo mil quinhentos noventa e sette rs. mandamos se nos levẽ em conta: no qual conhecimento se fara tambẽ declaração de como se ha por pago e satisfeito de quatrocentos e cinquenta mil rs. q̃ mais tem recebido das obras q̃ tem feito de empreitada. E q̃ assi dellas como das de jornal fiqua pago e satisfeito te oje e nossa fazenda lhe não fiqua devendo mais cousa algũa. Euora-em os 28 dias do mes de outubro francisco Vogado escriuão de nossa faz.da a fez de 16Xbiij annos.

Arc.º d'Euora.

Dom Joseph de mello Arc.º de Euora E perpetuo administrador da obra da nossa see & Mandamos ao contador da nossa fazenda q̃ por esta e pello Rol e conhecimentos a tras escriptos na outra mea folha, leue em conta ao p.e Luiz pîz na q̃ elle der das Rendas da dita obra sessenta e oito mil e oitenta rs. q̃ montão as despezas do dito Rol e conhecimentos q̃ fez na capella do Sant.mo Sacram.to E na sancrestia e capella do santo Lenho, da dita see, Euora em os 24 dias do mes de Feve.ro fran.co Vogado escrivão de nossa fazenda a fez de 16XXiij an.

O Arç.º d'Euora.

Rol dos gastos q̃ se fizerão na Capella do Santo Sacram.to pera se assentar o Retabolo

A fr.co Roiz̃ pedreiro q̃ andou trabalhando nesta obra 24 dias a 200 rs por dia	4800
De desouto dias E meio de hũ seruidor	1850
De bras dias de Sá cauouqueiro a 200 rs cada dia	3200
A Vrbano lopez pedreiro q̃ andou na obra tres dias E meio a 400 rs	1440
De quatrocentos e sinq ta tijolos	900
De os trazere	60
De aguçarẽ os picoẽns, camarteis E mais farramenta	410
De cal	120
Aos homens da praça q̃ trouxerão o retabolo	1000
	13:780

As quais cousas todas recebeo o q̃ lhe couue e vio pagar aos seruidores o ditto fr co Roiz̃ Eu.ra e assinou aqui Eu.ra 10 de fev.ro de 624.

fr.co Roiz̃.

Recebeo Miguel Duarte Carpint.ro morador nesta cidade de Euora do p.e Luis Pires recebedor da fabrica sinquoenta mil rs dinh.ro per fazer os caixões de bordo na sacrestia da sée e a ferragẽ q̃ leuarão, e os almarios no qual preço dos sinquoenta mil rs se concertarão e o recebeo do ditto p.e Luis Pires, e o da por quite, E liure a ditta obra dos dittos sinquoenta mil rs, E rroguei ao p.e Simão Pinto q̃ este fizesse e cõmigo assinase, sendo tambẽ testemunha fr.co Bogado Marreira escriuão da fazenda do Señ Arc.º Eu.ra 24 de feu.ro de 624

fr.co Vogado. *Miguel Duarte* *Simão Pinto*

7.º D. JOÃO COUTINHO

DE 1636 A 1643

Foi D. João Coutinho o 3.º filho do primeiro conde de Villa Franca, Ruy Gonçalves da Camara, e de D. Joanna Blasuet, filha de D. Francisco Coutinho III Conde do Redondo. Estudou em Coimbra Theologia, em cuja faculdade se graduou e onde foi Reitor da Universidade por Provisão de 11 de Maio de 1611.

Antes de ser metropolita já D. João Coutinho havia cingido as mitras de Faro, em 1618, e de Lamego, em 1636.

Em 2 de Maio d'aquelle anno tomou elle posse do Arcebispado por seu Procurador o Licenciado Francisco da Cunha Borges, seu Secretario, entrando em Evora com seus dois sobrinhos D. Antonio Luiz e D. Rodrigo de Menezes, o primeiro dos quaes foi mais tarde o primeiro Conde de Cantanhede e Marquez de Marialva. Quando em 1637 Evora tumultuou independencia e liberdade foi elle quem, saindo da egreja de Santo Antão, de cruz alçada, tentou reduzir o povo á ordem, quando não á obediencia ao governo de Filippe III.

Sem embargo d'aquellas mostras de adhesão a Castella, foi chamado a Madrid, com pretexto de ir ser Presidente do Conselho de Portugal, para onde saiu effectivamente em 29 de Setembro de 1638, e onde se conservou até ao anno de 1643.

O Bispo de Fez, D. Gabriel da Annunciação, foi quem durante a ausencia d'elle governou o Arcebispado.

Salteado de doença em Madrid, no referido anno de 1643, onde a politica do Conde Duque d'Olivares o retivera, deixaram-no voltar ao reino. Entrando em Elvas e hospedando-se no convento da Ordem de S. Francisco, ali falleceu em 10 de Setembro de 1643 e lá foi sepultado.

Não existe o epitaphio de sua campa, porque aquelle convento foi um dos que mais soffreu na queda do governo realista, não ficando 'nelle pedra sobre pedra; levaram d'ali tudo quanto podiam aproveitar para outros fins [1].

Em 1642 e 1643 foi seu governador D. Rodrigo de Mello.

Foram seus coadjuctores:

D. Gabriel da Annunciação, da Congregação de S. João Evangelista, Bispo de Fez, natural de Guimarães, morto em 1644, e sepultado na claustra do Loyos de Evora, com este epitaphio:

S.A DE DOM GABRIEL DA
ANNVNCIAÇÃO CO
NEGO DA COEGREG
AÇÃO DE S. Ĩ. EVANGEL
ISTA BISPO DE FEZ FA
LC.º A 18 DE MARÇO DE
1644.

D. Filippe da Rocha, da Ordem da Santissima Trindade, Bispo de Madauro, natural de Lisboa, e morto em 24 de Outubro de 1669 [2].

NOTAS

[1] Sr. Filippe Nery de Sousa Penalva, em carta sua.

[2] Temos á vista dois documentos curiosos noticiando-nos a feitura de

um baluarte junto aos muros da cidade de Evora, por ordem e a expensas de D. João Coutinho, e com os clerigos da cidade! Caso se não singular ao menos digno de ficar aqui registrado com a copia fiel de um dos documentos. Diz elle assim:

«Dom João Coutinho por merce de Deus e da sancta igreia de Roma Metropolitano Arçebispo de Euora &. mandamos a Rodrigo antunes Prioste das rendas de nosse mẽza pontefical que do dinheiro dellas dee aopadre Antonio Goudim secretario da meza do nosso governo vinte mil rs̃ para os dispender com os officiais que trabalhão no baluarte que por nossa ordem se fas com os clerigos desta cidade junto aos muros della e com conhecimento nas costas desta pello ditto Antonio Goudim feito de como delle recebeo os dittos vinte mil rs̃ mandamos ao contador escriuão da fazenda da nossa meza pontefical lhos leuem em conta nas que der das dittas rendas Dada em Euora sob os sinais dos goverdores do nosso Arcebispado aos quatro dias do mez de majo. Antonio Goudim escrivão da fazenda a fes de mil seiscentos quarenta e um annos.

G. Bp̃.º de fes *Antonio Rõiz da Silv.ra*

Fran.co Barreto de f.ra »

O outro é semelhante: manda dar mais vinte mil réis, e tem a data de 10 de Maio de 1641.

Como D. João Coutinho se achava em Madrid nenhum d'elles é assignado pelo patriota Arcebispo. Honra lhe seja, porém, que de lá mesmo concorria d'este modo para a defensão do reino e da liberdade portugueza, mandando trabalhar os clerigos de sua jurisdição na obra do baluarte. Não sabemos qual d'elles seja.

8.º D. DIOGO DE SOUSA, II

DE 1671 A 1678

Filho legitimo de Fernão de Sousa, senhor de Gouvêa, e de D. Marianna de Castro, este Prelado nasceu em Villa Viçosa, e ali foi creado no paço dos Duques de Bragança.

Inquisidor e Esmoler-mór de D. João IV foi mais tarde nomeado Bispo de Leiria.

Transferido para Evora por morte de D. João Coutinho e depois de larga séde vacante tomou posse do Arcebispado com procuração sua o Dr. João Velho, em 20 de Junho de 1671 [1].

Sagrado em 5 de Julho entrou em Evora no mez de Novembro do mesmo anno.

As memorias que restam de sua vida mostram-nos este Prelado de muita caridade e pobreza; simples na mesa, nas vestes, em tudo homem evangelico.

Visitou muito o Arcebispado, distribuindo beneficios, sem olvidar a sua sé.

No anno de 1677 celebrou em Evora Concilio Provincial.

Falleceu aos 23 de Janeiro de 1678 e foi sepultado em campa rasa na sé, defronte da Capella do Santissimo, com este epitaphio,

que já hoje não existe, porque os reformadores da egreja no seculo passado preferiram deixar o pavimento com symetricos escaques a conservar 'num ou 'noutro ponto a memoria de um respeitavel Prelado como fôra D. Diogo de Sousa, II:

SEPULTURA DE D. DIOGO DE SOUSA, ARCEBISPO DE EVORA, FILHO LEGITIMO DE FERNÃO DE SOUSA, E DE D. MARIA DE CASTRO, SENHOR DE GOUVÊA, E DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE, GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL QUE FOY DO REYNO DE ANGOLA. FALECEO A 23 DE JANEIRO DE 1678.

Foi seu Vigario Geral o Dr. João Velho em 1671, e seu coadjuctor o Bispo de Targa, D. Frei Bernardino de Santo Antonio, natural de Serpa, fallecido no convento de S. Francisco de Evora e ali sepultado com este epitaphio:

SEPULTURA DO ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR D. FR. BERNARDINO DE SANTO ANTONIO BISPO DE TARGA DEPUTADO DO SANTO OFFICIO, LEITOR JUBILADO, CUSTODIO QUE FOY DESTA PROVINCIA DOS ALGARVES, EGUARDIÃO DESTE CONVENTO DONDE FOY PROMOVIDO Á DIGNIDADE EPISCOPAL FALECEO NO ANNO DE 1699.

NOTAS

* Eis a copia da original carta em que D. Diogo de Sousa II manda tomar posse: «Mando tomar posse desse Arcebispado per D.or João Velho,

E lhe mando Prouizão p.ª Gouernar em quanto não chegar. E porque a publicação do Cadafalso que he p.ª Domingo 21 do mesmo me não pode sagrar, E ficou p.ª Domingo 5 de julho em q̃ hei de fazer a segração sem duuida algua sendo Deos seruido.

E p.ª algũs gastos E esmolas que hei de fazer nesta cidade, E p.ª o caminho porq̃ logo hei de partir p.ª estar nessa cidade athe 15 de Julho, me he necessario algũ dr.º de tres athe quatro mil cruzados p ª por minha caza nessa cidade pesso a Vm E encomendo se faça toda a diligencia p.ª me virem logo E de tudo espero resposta pella via do D.or João Velho por onde mando Esta: com gr.de Aluoroço estou p.ª hir dar a Vm hum grande abraço, E pesso me de muitas occasiões de o seruir E Deos g.de Vm Lxa 16 de junho de 671

Diogo de Sousa

S.or Estevão Roiz caualeiro

Aquella somma pedida foi-lhe enviada logo como se vê deste recibo: «Receby dos.or Esteuão Caualeiro quatro mil cruzados, q̃ me entregou o Recoueiro da inquisição de Evora E p.ª sua E minha lembrança lhe dei este por my feito E asinado Lx.ª 28 de Agosto de 671

Arcebispo dEvora

9.º D. FREI DOMINGOS DE GUSMÃO

DE 1678 A 1689

Foi estrangeiro este Prelado: nasceu na Andaluzia, de Gaspar, Duque de Medina Sidonia, e de sua mulher.

Na regencia do Reino de D. Pedro II, seu primo, passou a Portugal, onde foi eleito Bispo de Leiria em 1678.

Sem chegar a tomar posse foi nomeado Arcebispo de Evora, por morte de D. Diogo de Sousa, II.

Tomou posse da Mitra archiepiscopal em 17 de Agosto de 1678, e entrou em Evora em 24 de Novembro do mesmo anno.

Habitou sempre em Evora o palacio dos Condes de Basto, no Pateo de S. Miguel, tratando-se com a grandeza de um principe.

Prelado caridoso não esquecia a pobreza no faustoso viver de sua casa.

Fallecendo em 19 de Dezembro de 1689 foi sepultado na capella do Santissimo da sé, onde jazeu até 1700 sem epitaphio algum, até que seu successor, o magnanimo D. Frei Luiz da Silva, lhe mandou gravar na campa esta letra:

SEPULTURA DO ILLUSTRISSIMO E RE.MO S.OR ARCEBISP
PO DE EVORA D. FR. DOMINGOS DE GUSMÃO Q̃ FA-
LECEO EM 19 DE DEZEMBRO DE 1689. HERA
DUQUE DE MEDINA SIDONIA, IRMÃO DA SO-
BERANA S.RA RAYNHA DE PORTUGAL D. LU-
IZA DE GUSMÃO MOLHER DO AUGUSTISSIMO
REY D. IOÃO IV. E PORQ̃ NÃO FICASSEM P.A
SEMPRE ESQUECIDOS, POR HAVER ONZE ANNOS, Q̃
ESTAVAM NESTE LOGAR TÃO HUMILHADOS, OSSOS DE
PRELADO TÃO ESCLARECIDO, LHE MANDOU FAZER ES-
TA CAMPA, SOBRE LHE TER FEYTO HUMA MISSA
QUOTIDIANA NA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE
ESTREMOS, SEU IMMEDIATO SUBSESSOR O ARCEBISPO
DE EVORA D. FR. LUIZ DA SYLVA RELLIGIOZO
DA SANTISSIMA TRINDADE. E SE POS ESTA CAMPA
NESTA SEPULTURA EM 29 DE NOVEMBRO DE 1700,
COM Q̃ SE PODE AQUI DIZER: ET EXULTABUNT
OSSA HUMILIATA.

Tambem foi seu coadjuctor o Bispo de Targa, D. Frei Bernardino de Santo Antonio.

NOTAS

[1] O unico documento que possuimos assignado por D. Domingos de Gusmão é o seguinte: «Dom Fr. Domingos de Gusmão por m.e de D.s e da S.da See App.ca Metropolitano Arcebispo de Euora, E do concelho do Principe Meu Snõr, &. Fazemos saber q̃ por confiarmos da Suficiencia de Dionizio da Silua tangedor de Bachão, Charamella da Nossa S.ta See aonde tem seruido Desaseis annos com o hordenado de vinte sinco mil reis Hauemos por bem de lhe acrecentar Dez mil reis em cada anno p.a correr com hordenado de trinta e sinco mil reis. E cumprindo com sua obrigação na forma costumada Mandamos ao Nosso fabriq.ro q̃. oje he E ao diante for lhe acuda com o dito hordenado aos quarteis na forma costumada, E pera este ter effeito se Registará nos Liuros da fabrica pellos officiais da Nossa fazenda. &. Dada em Euora sob nosso sinal, E sello, aos Dezoito dias do mes de Jan.ro de mil seis centos, E oitenta, e hum annos. E eu o p.e Sebastião Penalua Escriuão q̃ ora siruo da fazenda q̃ o Escreui. Fr. Domingos Arcebispo. de Euora.»

10.º D. FREI LUIZ DA SILVA

DE 1691 A 1703

D. Frei Luiz da Silva nasceu em Lisboa, em 27 de Outubro de 1626, filho illegitimo de Francisco da Silva, clerigo, Deputado da Inquisição de Lisboa e irmão de Fernando Telles da Silva, 1.º Conde de Villa-maior.

Professou a Ordem da Santissima Trindade em 29 de Junho de 1641 e foi Reitor do seu Collegio em Coimbra; capellão-mór, nomeado pelo Regente do Reino D. Pedro II, em 1671, com o titulo de Bispo de Ticiopoli; Bispo de Lamego em 29 de Maio de 1677, e da Guarda em 1684, até que foi eleito Arcebispo de Evora, em 5 de Janeiro de 1691, de cuja Mitra tomou posse em 7 de Novembro o seu coadjuctor D. Fr. Bernardino de Santo Antonio, Bispo de Targa.

Em 13 de Janeiro de 1792 recebeu o palio e no dia 19 do mesmo mez fez a sua entrada em Evora.

Foi Prelado caridosissimo: beneficiou muito a sé, paramentando-a ricamente, mandando 'nella fazer o retabulo de Nossa Senhora do Anjo, as portas, de madeira do Brasil, e doando-lhe a custosa cruz, ou Santo Lenho, cravejado de pedras preciosas, mui-

tas das quaes comprou á sua custa para junctar ás que ficaram no espolio de D. Frei Domingos de Gusmão, e que 'naquelle tempo foram avaliadas em 20:384$653 réis, podendo hoje valer, sem duvida, mais do dobro d'aquella quantia.

Além das obras e melhoramentos na sé, outras egrejas beneficiou, como a parochial de S. Pedro, d'esta cidade d'Evora, onde ainda hoje se veem suas armas entalhadas sobre a porta principal.

O Collegio dos Meninos do Côro foi tambem fundação sua assim como a Casa dos Oratorianos de Estremoz [1].

Em 1699 recebeu elle faustosamente a rainha de Inglaterra, D. Catharina, que fôra visitar Villa Viçosa, onde havia nascido.

Escreveu e imprimiu alguns sermões como:

Sermão do Acto da Fé que se celebrou no Terreiro do Paço de Lisboa em o primeiro de Dezembro de 1636. Lisboa, por Antonio Craesbeeck 4.º

Expirou em um sabbado, 13 de Janeiro de 1703 e foi sepultado na capella do Santissimo da sé, da qual, por demolida em 1721, foram trasladados seus ossos para defronte, no cruzeiro, onde se lia esta inscripção:

SEPULTURA DO S.OR D. FR. LUIS DA SYLVA TELLES
RELLIGIOSO DA SS.MA TRINDADE, DA ILLUSTRE FAMILIA
DOS SYLVAS TELLES . M.E EM THEOLOGIA . BISPO DEÃO
DA CAPELLA REAL, DA JUNTA DOS TRES ESTADOS, BIS-
PO DE LAMEGO, E DA GUARDA, ARCEBISPO DE EVORA;
INSIGNE NO PULPITO, MAGNIFICO BEMFEYTOR DAS SUAS
IGREJAS, SINGULAR ESMOLLER P.A OS POBRES E PREFEYTO
EXEMPLAR DE PRELADOS . FALECEO EM EVORA COM
DITOZA MORTE A 13 DE JANEIRO DE 1703 AOS SETENTA
E SEIS DE SUA IDADE . VIVERÁ P.A SEMPRE A MEMORIA
DAS SUAS VIRTUDES [2].

Foram seus coadjuctores o Bispo de Targa, D. Frei Bernardino de Santo Antonio; D. Frei Domingos Barata, Bispo de Missenia, sagrado em 29 de Junho de 1699 e morto em 27 de Abril de 1713, e natural da Erada, na serra da Estrella.

NOTAS

[1] Este documento comprova a sua liberalidade. «O Vedor da fazenda da mitra dê ao nosso Esmoller cento, e vinte e seis mil setecentos, e cincoenta e sinco reis para pagar os ornam.tos e toalhas da capella de S. Fr.co Xavier de Beja, e resplandor p.a o mesmo S.to e assim mais dê quarenta e hũ mil, e quatro centos, e vinte reis p.a pagar o feitio da cera q̃ neste anno se deu de esmolla aos conventos, e Irmandade do Santissimo da Sée. Euora 26 de setembro d'697. Fr. L. S. Arcebispo.»

Além d'este temos outros muitos documentos.

[2] A vida deste Prelado respeitavel por mais de um titulo conserva-se manuscripta na Bibliotheca de Evora no Codice $\frac{\text{CVI}}{1-27}$.

44.º D. SIMÃO DA GAMA

DE 1703 A 1715

Foi este Prelado eborense um quarto neto do grande descobridor da India, Vasco da Gama, e filho do Marquez de Niza, Conde da Vidigueira.

Estudou em Coimbra, onde foi Reitor da Universidade.

Depois de ser Bispo de Faro D. Pedro II o nomeou Arcebispo de Evora. Tomou posse da Mitra em 27 de Novembro de 1703, fazendo a sua entrada 'nesta cidade de Evora em 2 de Fevereiro de 1704.

De melhoramentos ou obras por elle emprehendidas sabemos apenas que concluíra á sua custa o Collegio dos Meninos do Côro.

Achando-se doente procurára allivio nos ares patrios em Lisboa, na esperança que lhe restituissem a perdida saude, e ali falleceu em 5 de Agosto de 1715.

Trazido para Evora deram jazida a seus ossos na Capella do Santissimo da sé, em campa rasa, do lado da Epistola, com esta inscripção, que ainda lá existe:

AQUI IAZ O ILL.MO S.OR DOM SIMÃO
DA GAMA FILHO LEGITIMO DOS
EXC.MOS MARQUEZES DE NIZA FOY
DEPUTADO DAS TRES INQUISISSO-
ÊS DESTE REINO SUMILHER DA
CORTINA . REITOR DA UNIVERCI-
DADE DE COIMBRA BISPO DO AL-
GARVE . ARCEB.O DESTA SÉ DE
EVORA CONCELHEIRO DESTA-
DO . E GUERRA . FALECEO EM LX.A
AO V DE AGOSTO DE
MDCCXV.

Foram seus coadjuctores:

D. Diogo da Annunciação Justiniano, o qual jaz á entrada da egreja dos Loyos com este epitaphio:

AQVI IAS POR SVA HVMIL-
DADE . D. DIOGO . DA ANNV-
NCIAÇÃO . IVSTINIANO .
CONEGO DESTA CONGR-
EGAÇÃO . BISPO DA SERRA
ARCEBISPO . DE CRANGA-
NOR . PROVISOR . E BISPO C-
OADIVTOR . DESTE ARCE-
BISPADO . FALECEO . AOS-
28 DE OVTVBRO DE 1713.

Fr. José de Jesus Maria, Religioso Dominico, natural de Lisboa, fallecido em 5 de Agosto de 1715.

Tambem foram seus Governadores:

José Borges de Barros

Manuel Alves Cidade

Paulo Alvares da Costa [1]

NOTAS

* Deste Prelado só temos um documento com sua assignatura. É um requerimento de Francisco de Brito Moutinho, de Evora, pedindo-lhe para que mande entrar sua filha D Maria, no Recolhimento de S. Manços, no qual elle poz estes despachos: «Informe o R.^{do} M.^{e} Schola B.^{eu} de Garfiaz sobre o Requerim.^{o} do supp.^{e} ouvindo a Madre Regente do Coll.^{o} q̃ declarará se ha lugar vago de Porcionista, em q̃ a filha do supp.^{e} seja admittida Lx.^{a} 20 de Mayo de 1712. Arcep.^{o}» A Madre Regente, e capellão do Coll.^{o} de São Manços recolherão a f.^{a} do supp.^{e} D. M.^{a} em o lugar de Porcionista na forma do Estylo. Lx.^{a} 20 de Junho de 1712. Arcep.^{o}.»

12.º D. FREI MIGUEL DE TAVORA

DE 1741 A 1759

Da illustre familia dos Tavoras descende este Prelado, que nasceu em Lisboa em 9 de Novembro de 1683, filho dos segundos Marquezes de Tavora, Antonio Luiz de Tavora e D. Leonor Maria Antonia de Mendonça.

No dia 11 de Novembro de 1699 professou em Lisboa a Regra de Santo Agostinho, no Mosteiro da Graça.

Estudou em Coimbra, onde se doutorou em Theologia e onde foi Lente. 'Naquella cidade foi Reitor do Collegio da sua Ordem. D'ella foi Provincial e exerceu outros cargos, que desempenhou zeloso.

Foi eleito Arcebispo de Evora em 1739 e sagrado pelo Patriarcha D. Thomaz d'Almeida, em 19 de Fevereiro de 1741, tomando posse por elle 'neste dia o seu Provisor, Domingos Gonçalves Galvão.

No dia 28 de Março d'este ultimo anno, fez a sua entrada em Evora com muito apparato e pompa.

Foi tambem Inquisidor Geral e Regedor das Justiças.

Depois dos conhecidos acontecimentos de sua familia, em vez de Tavora começou a se appellidar Sousa [1].

Vivendo desgostosissimo desde Janeiro de 1759 morreu em 16 de Setembro d'este anno, e foi sepultado na egreja do Convento da Graça de Evora, com este epitaphio, que hoje existe na egreja do Convento de S. Francisco:

AQVI IAZ O EXC.MO ER.MO
S.R D. FR. MIGVEL DE SOV-
ZA RELIG.O DE S.TO AGOS-
TINHO ARCEB.o DE EVORA,
PAE DOS POBRES, E EXEM-
PLAR DE PRELADOS. FA-
LLECEO AO 16 DE SEP-
TEMBRO
DE 1759.

Foram seus Provisores:

Dionysio Gonçalves Galvão, Quartanario da Sé de Evora, em 1741;

D. Fr. Jeronymo de S. José, natural de Lisboa, e morto em 1772, Bispo de Tipassa, em 1745;

D. Vicente da Gama Leal, Bispo de Hetalonia, em 1767 [2].

NOTAS

[1] Ainda existe á entrada da sé uma pedra commemorando a sagração d'ella, em que se vê claramente a substituição da palavra *Tavora* por *Sousa*. Abriram na pedra uma cavidade quadrilonga sobre o appellido odiado, deixando-lhe a ultima letra, imbutiram ali um bocado de pedra e 'nelle gravarum as letras SOUZ. A inscripção resa assim:

HAEC ECCLESIA CATHEDRALIS METROPOLITANA EBORẼSIS FUIT CONSECRATA AB EXCEL.MO ET R.MO DOMINO DOÑO FRATRE MICHAELE DE SOUZA ORDINIS EREMITARUM S. P. ANGUSTINI ARCHIEPISCOPO EBORENSI DIE VIGESIMA SECUNDA MAII ANNI MILESIMI SEPTINGENTESIMI QUADRAGESIMI SEXTI.

* Aqui poremos um documento assignado por D. Fr. Miguel de Tavora:

«Dom Fr. Miguel de Tavora por merce de D.s e da Santa Sé Apostolica Arcebispo Metropolitano da Cid.e de Evora, e todo seu Arcebispado, e do Conselho de ElRey meu Snr. & Por quanto se nos fez queixa, q̃ no Recolhimento de Santa Rosa de Viterbo da Villa de Coruche vivem algũas Recolhidas com grande desenvoltura sem a obd.a que devem ter a sua Regente e ameaçando hũas ás outras com pancadas e facadas, esquesendosse da obrigação que tinhão, de tratar só no Recolhimento de amar, e temer a Deos N. Snr. Pela presente mandamos ao nosso R.do Vig.o de Vara da V.a de Benavente, digo da V.a de Coruche, José Cotta Bandeira, q̃ va ao dito Recolhimento, e q̃ nelle pergunte especialmente pelas desenvolturas de hũa Recolhida que veyo de Benavente, e da Recolhida que lhe serve de Mestra das noviças, faltas de obediencia das mesmas á R.da Regente, e dos ameaços q̃. fazem de dar pancadas e facadas ás outras Recolhidas, q̃ não convem com as suas dezordens, e q̃. pergunte devaçamente pelas mais faltas graves das outras Recolhidas, dando a todas o juramento aos Santos Evang.os p.a deporem a verdade sobre as desenvolturas graves, faltas de obed.a e ameaças das outras Recolhidas, para o q̃. escolherá para Escrivão hum clerigo, q̃. melhor lhe parecer, ao q.al dará o juram.to de bem e fielmente cumprir com o seu officio, e assim q̃ for acabada esta inquirição nola remetera com os depoimentos das testemunhas p.a se proceder na mat.a como for justiça. Dada em Ev.a sob nosso sinal e sello de nossas Armas aos 12 de 7.bro de 1746. E eu M.el Jose de Carv.o a escrevi por ordem de S. Ex.a Rm.a»

Fr. M. Arceb. de Evora.

13.º D. JOÃO COSME DA CUNHA

DE 1760 A 1783

D. João Cosme da Cunha nasceu em Lisboa em 27 de Setembro de 1715, sendo o quarto filho dos Condes de S. Vicente, Manuel Carlos da Cunha e Tavora e D. Isabel de Noronha. Foi baptisado na freguezia de S. Christovam.

Estudou em Coimbra na qualidade de Porcionista do Collegio de S. Pedro, onde se doutorou em Leis e onde foi Deputado da Inquisição.

Em 13 de Maio de 1738 recebeu o habito de Conego Regrante de Santo Agostinho, em Santa Cruz de Coimbra, das mãos do futuro Bispo d'aquella cidade, D. Miguel da Annunciação, com o nome de Fr. *João de Nossa Senhora da Porta.*

Nomeado successor do Bispo de Leiria, D. Alvaro Abranches, em 18 de Novembro de 1745, foi confirmado no Consistorio de 29 de Março de 1746, com o titulo de Bispo de Olympo.

Por morte de D. Alvaro Abranches tomou posse da Mitra em 23 de Julho, entrando em Leiria em 5 de Outubro de 1746, acompanhando-o o Reformador dos Conegos Regrantes, Fr. Gaspar da Encarnação, e os tres filhos illegitimos de D. João V, Gaspar, José

e Antonio, os celebres *Meninos de Palhavã*, que então vestiam o habito de Santo Agostinho.

Bom e zeloso pastor nos dizem as memorias fôra elle no Bispado de Leiria. No dia do grande terremoto de 1755 andava visitando a diocese. Para logo correu a Leiria, onde ordenou uma notavel procissão de penitencia, na qual foi descalço, de tunica e cordão ao pescoço e com um pesado crucifixo nas mãos.

Fallecendo em Evora D. Frei Miguel de Tavora, ou de Sousa, foi elle o escolhido para cingir a mitra archiepiscopal, e confirmado em 24 de Março de 1760. Entrando em Lisboa recebeo o Paleo das mãos do Patriarcha, Francisco de Saldanha, e foi nomeado logo Conselheiro de Estado e Regedor das Justiças. Assim, mandou tomar posse por si, em 23 de Agosto do referido anno ao seu Vigario Geral, o Bispo de Hetalonia, D. Vicente da Gama Leal.

No espaço de 23 annos uma vez sabemos que viera a Evora; porque em 22 de Junho de 1766 assignou 'nesta cidade uma Provisão, confirmando a nomeação do P. M. Fr. José de Saldanha, Religioso Agostinho, para Capellão de Nossa Senhora da Azaruja, que 'nelle fizera seu primo, Martinho Lopes Lobo Saldanha e Vasconcellos [1].

Vivendo em Lisboa, mais cuidadoso das cousas seculares do que das ecclesiasticas, foi nomeado Presidente da Meza Censoria em 1768, e Inquisidor Geral em 31 de Março de 1770, e Cardeal no Consistorio de 6 de Agosto do mesmo anno, e Commissario da Bulla da Cruzada no anno seguinte. Por ascender tantos e tão altos cargos, em que mais tratava de cousas mundanas do que das espirituaes, deixou o nome claustral de Fr. João de Nossa Senhora da Porta e tomou o secular de João Cosme da Cunha.

Falleceu em Lisboa em 31 de Janeiro de 1783, e foi sepultado no Convento de S. Domingos; o seu epitaphio, porém, foi desfeito depois de 1834, quando arrasaram o Convento e Claustra, e não sabemos que alguem o copiasse e ande impresso.

Não se póde dizer d'este Prelado o que se tem dito de tantos. Foi um mau pastor em Evora; e, na phrase de um escriptor moderno e insuspeito: *verdadeiro lobo no rebanho do Senhor!* [2].

No tomo II da *Collecção da Academia Lithurgica Pontificia* vem uma sua *Dissertação sobre as vestes que usaram os sacerdotes na Lithurgia nos primeiros seis seculos da Egreja.*

Foi seu Governador, o Bispo de Hetalonia, D. Vicente da Gama Leal, e seu Vigario Geral o Quartanario da Sé. Pascoal Rodrigues da Costa, depois da morte do Bispo de Hetalonia.

O Dr. Francisco Martins Palma foi seu Vigario Geral em 1768.

NOTAS

* Eis o documento:

Martinho Lopes lobo de Saldanha e Vasconcelos Moço Fidalgo da Caza Real Professo na Ordem de Xp.º Coronel de Infantr.ª &.

Como Padroeiro e administrador q̃ sou insolidum da Capela de Nossa Snr.ª do Carmo sita na m.ª Erd.ª da Azaruxa freg.ª de S. Bento do Matto deste Arcbpd.º de Evora nomeo para Capelão da dita Capela a meu Primo o M. R. P.ᵉ Mᵉ. Fr. Jᵉ de Sald.ª por concorrerem nelle todas as circumtancias que podem habelitar para bem Conservar a dita Capela, elhe determino para seu Emulomento o rendim.ᵗº certo que for tendo a dita Capela e dois moyos de Trigo e dois de Cevada cada anno ficando sempre Salvo todo o adventicio, esmolas e offertas que forem á dᵗª Snr.ª do Carmo pª suas obras e para fundo do m.ᵐº rendim.ᵗº certo e será obrigdº o referido Capelão parando as esmolas que concorrerem dos fieis a pôr da m.ᵐª sua Congrua tudo o q̃. for precizo para fabrica da m.ᵐª Capela Cujas obrigações Cumprirá em tudo dizendo por sy ou por pessoa idonea que bem lhe parecer todas as Missas que forem á dita Capella, convindo nisto o Exm.º Snr. Ordina.º a quem rogo o confirme. Azaruja 26 de Fevr.º de 1766.

CONFIRMAÇÃO

D. Joam de Nossa Senhora da Porta &.

Aos que esta nossa Porvizão de Confirmação de Capelania virem saude e paz em D.ˢ nosso Senhor. Fazemos saber que o R. P.ᵉ M.ᵉ Fr. José de Saldanha Religioso de Santo Aug.ᵗº nos enviou a dizer por sua petição por escrito que pela apresentação junta se achava nomeado Capelão da Igr.ª de N. Snr.ª do Carmo da Erdᵉ da Azaruja freg.ª de S. am B.ᵗº do Matto do nosso Arcbpdº e por que tinha consedido licença de sua Religiam e só lhe faltava o ser confirmado por nós, o que visto o seu requerimento lhe mandamos passar a prez.ᵗᵉ pela qual confirmamos Capelam da Capª de N. Snr.ª do Carmo da sobrid.ᵗª herdᵉ ao Reverendo Pᵉ M.ᵉ Fr. J.ᵉ de Saldanha Relejioso de S.ᵗº Agos.ᵗº por confiarmos da Capacid.ᵉ e suffeciencia do Sup.ᵉ que fará o q̃ cumpre ao serviço de D.ˢ e bem da Igr.ª desencarre-

gando nossa e sua Conciencia e haverá com a dita Capelania de ordenado, e emulum.to o rendim.to Certo que for tendo a dita Capela e dois moyos de Trigo e dois de Cevada cada anno, ficando sempre salvo todo o adventicio de esmolas e offertas que forem á dita Senhora do Carmo p.a as suas obras e para fim do mesmo rendim.to Certo e será o dito Capelão obrigado parando as esmolas dos fieis a pôr da sua mesma congrua tudo o q̃. for preciso para a fabrica da mesma Capela tudo na forma da Apresentação do Padroeiro Martinho Lopes lobo de Sald.a a qual se lhe entregou, e de como recebeo, e asinou o Rd.o Capellão, e cumprirá todos os encargos anexos á dita Capelania. Dada nesta Cidade de Evora, sob sello de nossas armas, e nosso sinal aos vinte e dois de Junho de 1766. E eu o Padre Nicoláo da Silveira Ex.am da Camara Ecclesi.ta a sobescrevy. Dom João Arcbp.o Regedor.

* A. Canaes de Figueiredo Castello Branco — *Estudos Biographicos.*

14.º D. JOAQUIM XAVIER BOTELHO DE LIMA

DE 1784 A 1800

Nasceu em Lisboa este Prelado, dos Condes de S. Miguel, Thomaz José Botelho de Tavora e D. Julianna Xavier de Lencastre, e foi baptisado em Santa Engracia em 1 de Abril de 1717.

Ordenou-se em Julho de 1762.

Foi Porcionista em Coimbra do Collegio dos Militares, como Freire de S. Bento de Aviz, e ali estudara Canones em cuja Faculdade se graduou.

Em 1773 era elle Parocho de Santa Cruz do Douro e Abbade de S. Martinho de Soalhães, confirmado pelo Bispo do Porto, D. João Raphael de Mendonça.

Nomeado Arcebispo de Evora, tomou posse da Mitra em 22 de Março de 1784.

Comprou tres Pontificaes para a sé: o de tela de prata bordado a ouro; o de tela encarnada bordado a ouro, e o preto. Estes Pontificaes foram mandados fazer em Roma por D. Maria I para o seu confessor, o Arcebispo de Thessalonica, cujas armas tem, e ao qual não serviram nem eram ainda bentos quando comprados por D. Joaquim Xavier Botelho de Lima.

Fez na sé algumas obras importantes, como a tribuna, que lhe custou 17:000 crusados, e o guardavento da porta principal, cuja mão de obra durou cinco annos. Deu tres alampadas de prata para o altar-mór, que tinham de peso 15 arrobas.

Não gostou nunca de armas, retratos, nem do seu nome escripto em lembrança de suas obras. Na livraria que deixou á Mitra vê-se nas guardas de cada volume um bilhete impresso, circumdado de lavores e sobrepujado apenas da Mitra, com esta generica letra:

EX LIBRIS
EXMI . AC REÑI . D . D .
ARCHIEP. METROP.
EBORENSIS. [1]

Foi Prelado de muita caridade, confirmando-a hoje mesmo a tradicção dizendo que o illustre Prelado costumava assomar de manhã ás janellas de seu paço observando as chaminés que não fumavam, e mandando para logo aos habitantes d'aquellas casas uma peça a cada um.

Foi em seu tempo que succedeu o fallado caso da *Beata de Evora*.

Deve-se-lhe a fundação da Bibliotheca, hoje Publica de Evora, instituida para seu uso e dos Prelados seus successores, com Bulla Pontificia de 30 de Agosto de 1796 e Beneplacito Regio de 27 de Outubro [2].

Falleceu em 10 de Abril de 1800 e jaz sepultado em campa rasa na capella-mór da egreja do Convento do Calvario, cujas cenobitas muito esmolára, com esta letra:

IOACHIMO . XAVERIO . BOTELIO . DE . LIMA
EX COMITIBVS . S . MICHAELIS .
EBORENSIS . ECCLESIAE . METROP . ARCHIEP .
OPTIMO . MERITO .
QVI POPVLO . SVO CVM DECEM . ET . SEX . ANNOS .
PRAEFVISSET .
PRVDENS . DOCTVS . AC . PIVS .
MAXIME . SVI . DESIDERIO . CUNCTIS RELICTO
ANNOS . NATVS . TRES . ET . OCTOGINTA .
OBIIT IV IDVS . APR. AN . MDCCC .
PERPETVIS VIRTVTVM . LAVDIBVS . AD . POSTEROS .
VICTVRVS .

Em 24 de Março de 1784 nomeou elle seu Provisor o Bispo do Maranhão, D. Jacintho Carlos da Silveira, nascido em Evora em Setembro de 1732, de Manuel Gomes dos Reis e de D. Francisca Maria da Silveira, e morto em casa de seu irmão, o Dr. Joaquim José Baldeira, pelos Francezes, no dia 29 de Julho de 1808. Foi sepultado na *capella dos ossos* da egreja de S. Francisco de Evora, com esta letra, hoje occulta no soalho de madeira:

AQUI IAZ O EX.MO E REVER.MO SR. D. IACINTHO CARLOS DA SILVEIRA, BISPO DO MARANHÃO, PROVISOR DE MONTOUTO. DO CONCELHO DE SUA MAGESTADE. FOI MORTO PELOS INIMIGOS DA PATRIA NO DIA 29 DE JULHO DE 1808.

Por morte de D. Joaquim Xavier Botelho de Lima foi Vigario Capitular.

João José da Costa Pedroso era Vigario Geral em 1798 [3].

NOTAS

[1] Fr. Manuel de S. Remigio, memoria manuscripta no Cod. $\frac{\text{CIX}}{2-11}$ da Bibliotheca de Evora.

[2] Possivel é que este Prelado achasse já um nucleo qualquer de livraria da Mitra, pois que todas as dioceses a possuiam maior ou menor, e não fizesse mais do que amplial-a e, por assim dizer, amparal-a á sombra da Bulla Pontificia. Edificio proprio, estatutos, empregados, muzeu, collecção numismatica, manuscriptos, emfim, a grandeza e vida que hoje tem, gloria será sempre do grande Cenaculo.

* Na collecção de autographos que possuimos, o de D. Joaquim Xavier Botelho de Lima diz assim:

Ao Ex.mo e R mo Sn.or Dom Francisco Montr.o Pr.a de Vasconcellos Bispo d'Vizeu do Con.so d'Sua Mag.e: Bem asim ao Ex·mo e R.mo Sn.or Dom Francisco de Lemos de Faria Pr.a Coutinho Bispo d'Coimbra, Conde de Arganil &, e a todos os mais Ex.mos e R.mos Sr.es Bispos Nossos amados Co-Irmãos em Jezus Chripto Senhor Nosso; a todos os seos Reuerd.os Vigarios in spiritualibus, e temporalibus —; a todos os R.mos Sr.es Prellados Ordinarios, e mais Justiças Ecclesiasticas: Não menor a todos os Senhores Ministros de Sua Mag.e, a quem esta Nossa Reqquizitoria for prezentada, e a quem d'ella o conhecim.to pertencer; a todos da parte de Deus, e da Nossa, por seu S.to Serviço lhes pedimos, e m.to lhes rogamos queirão auxiliar os Nossos Subditos, e officiaes da Curia desta Nossa Metropole «Diogo Guerreiro Pereira» e Francisco Jose da Silveira com mais alguma pessoa, que os acompanhar; os quaes se derigem á Cidade d'Vizeu a conduzirem p.a esta d'Evora os Irmãos Monges da Congr.am de Montfurado «Luiz da M e de Deus» «José de Nossa Snr.a da Guia» e José de S.ta Maria» todos tres Sacerdotes da Nossa Obdiencia, e inteira Jurisdicção, os quaes se a Xão reclusos no Aljube da Cid e de Vizeu, por algumas irregularid.es, e apostharia — E como os d.os Nossos Officiaes deuem hauerse nesta deligengencia de modo q̃ a não deixem frustrada, e lhes venha a ser menos incommodo porisso a todas as Justiças rogamos os auxiliem com o necessario adjutorio: Prottestando Nos q̃ em taes, e ainda em outros maiores occurrencias, q.do sejamos requeridos, faremos, alem do que deuemos pello Nosso Officio, e pella razão de Co-Irmão; tudo o mais que a nossa delig.a, o nosso zello, e a nossa gratidam poderem fazer effectivo em obsequio de suas Pessoas: Dada em Evora sub nosso signal, e sello menor de Nossa Chancelaria aos 14 d'Abril de 1795—E eu João Limpo Pimentel Licenciado em Canones Dezb.or da Rell.am desta Metropole, e Secretr.o de Sua Ex.a R.ma que a fiz de seu mandado.

Joaq.m A. d'Evera.

15.º D. FREI MIGUEL DO CENACULO VILLAS BOAS

DE 1802 A 1814

Foi este grande Prelado um dos mais respeitaveis e venerandos que teem cingido a mitra de D. Theotonio de Bragança, por seu muito amor ao estudo, aos homens de letras e ás patrias liberdades.

Nascera em Lisboa no primeiro de Março de 1724, sendo filho de um serralheiro por nome José Martins, natural de Constantim, termo de Villa Real, e de Antonia Maria, natural de Lisboa.

Quando contava 16 annos de idade professou a Regra da Terceira Ordem, em 25 de Março de 1740.

Estudou em Coimbra, onde tomou o grau de Doutor em 26 de Maio de 1749 e onde foi oppositor e Lente, desde 1751 até 1755.

Foi depois Chronista da sua Ordem em 1757, Provincial d'ella em 1768, Deputado da Real Mesa Censoria, em 21 de Abril do mesmo anno, Confessor do Principe D. José, em 16 de Março de 1769; primeiro Bispo de Beja, em Março de 1770, cujo Bispado fôra desmembrado do Arcebispado de Evora pelo Marquez de Pombal, para lhe recompensar os valiosos serviços prestados na Junta reformadora da Universidade.

'Neste mesmo anno foi nomeado Mestre do Principe, exercendo ainda outros cargos importantes e honrosos.

Por morte de el-Rei Dom José foi este grande homem invol-

vido na politica, que relegou o Marquez de Pombal para esta Villa, e teve de se recolher ao seu bispado, que famosamente governou, e no qual entrára em 18 de Maio de 1777.

Fallecendo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima foi Cenaculo eleito Arcebispo de Evora, em 3 de Março de 1802.

Na invasão franceza em 1808 foi elle quem salvou Evora da total destruição; mas, alcunhado de jacobino, teve de soffrer provações grandes, soffrimentos inauditos, sendo preso e levado para Beja por uma horda de malfeitores, sem que lhe valesse a terra que elle salvára da sanha de Loison [1].

Fundou, ou, melhor, ampliou Bibliothecas, sendo a d'esta cidade de Evora riquissima em livros antigos e maiormente em manuscriptos.

Aproveitando a Bibliotheca que achara reunida por seu antecessor, accommodou o antigo Collegio dos Moços do côro, annexo ao Paço Archiepiscopal em 1666, pelo Governador D. Fr. Luiz de Sousa [2] a uma casa de estudo, com duas vastissimas salas, convenientemente exornadas com estantes e pinturas, e ali, sobre bases mais regulares deixou á posteridade a rica Biblioteca, que hoje subsiste tutelada pelo Governo, e patenteiada ao publico desde que a superintendencia d'ella e sua administração foi confiada ao zeloso Bibliothecario, o sr. Dr. Augusto Filippe Simões.

A entrada da Bibliotheca lê-se esta inscripção commemorativa d'esta fundação ou organisação:

IESV . CHRISTO . FILIO . DEI . VIVI
LVMINI . INDEFICIENTI
AD . MENTEM . BENE . COLLOCANDAM
RELIGIONEM . ASSERANDAM
DOMVM . LITERARIAM
CVM . VOTO . PERENNITATIS
FR . EMM . ARCH . EBOREN
OCT . KAL . APRIL . AN . DOM . MDCCCV .

Muitos e de muito valor são os seus trabalhos litterarios, sobresaindo 'nelles os *Cuidados Litterarios*, e as *Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito*.

Na provecta idade de noventa annos expirou em Evora, de pura velhice, em 26 de Janeiro de 1814 e foi sepultado no Collegio da Companhia de Jesus, em campa rasa, com este epitaphio:

AETERNAE . MEMORIAE . SACRUM .
D . D . FR. EMMANUELIS . A COE-
NACULO VILLAS BOAS TER-
TII ORDINIS . S . FRANCISCI
ALUMNI, PRIMUM EPISCOPI
JULIO - PACENCIS, POSTREMO
ARCHIEPISCOPI EBORENSIS :
QUI OB SEDULAM AC DIUTUR-
NAM OPERAM, SIVE IN SERENIS-
SIMO BRASILIAE PRINCIPE
D. IOZEPHO INSTITUENDO; SI-
VE IN RE LITTERARIA APUD SO-
DALES ET CONCIVES AD NOVAM
QUASI VITAM REVOCANDA; SI-
VE IN ALIIS MAGNISQUE REI-
PUBLICAE ET ECCLESIAE MU-
NERIBUS INTEGERRIME OBE-
UNDIS; PIETATE DUCE AC DOC-
TRINA, RELIGIONEM ET PA-
TRIAM SIBI PERENNITER DE-
VINXIT . OBIIT VII . KAL . FEBR .
CIↃDCCCXIV AETATIS SUAE
ANNO XC . PONTIFICATUS XLIV .
DESIDERATISSIMO PRAESU-
LI BENE MERENTI POSUIT
ANTONIUS IOSEPHUS OLIVE-
RIUS.

Foi seu Provisor o Bispo de Eucarpia, Antonio José de Oliveira que viera com elle de Béja, fallecido em 1824 e sepultado á entrada da egreja de Sant'Iago, com esta letra:

AQUI JAZ
O BISPO
D'ENCARPIA
F. EM 29 DE JANEIRO
DE 1824.

NOTAS

* Existe entre muitos manuscriptos seus, na Bibliotheca de Evora uma curiosa Memoria dictada e assignada por aquelle grande homem, narrando a perseguição que soffreu, e o modo como levou o general francez Loison a mandar suspender a matança em Evora, nos dias 29, 30 e 31 de Julho de 1808.

Tambem temos na nossa collecção uma sua carta original, que resa assim: «Am.º e Sr. A estas onze horas da manhã de Dom.º apparece Fr.º Gamito, e vou dizer Missa: despacho-o, e peço a V. S.ª faça entregar esses dois maços aos dois am.os Alvares e Sabino. (ou Sadino? 'neste caso é a Bacage) Recebi hontem sabb.º duas suas a q̃. agora não posso dizer palavra porq̃. apenas posso celebrar, porque estou esperando huma Fidalga. Estou, sr., bom e a mª casa está agora Hospital de defluxos, mas coisa da estação. Espero Jose Fr.º Goes para mandar huns vintens, e fallar. Logo escrevo a Evora, e sejanos Parabem. O tempo até faz parar o cerebro p.ª se não cuidar em jornada: encõmendar a Deus g.e a V. S.ª Domingo nove de Janr.º de 1803.

De V. S.ª

am.º do c.

Arceb.º de Evora.

* Nos Frey Luis de Souza D.or na Sagrada Theologia do Cons.º de S. Mg.de seu Esmoler Mor, Eleito Bispo do Porto, e G.or deste Arcebp.do de Euora & Mandamos a M.el do Cabo Reçebedor das rendas Pontificais q̃. do din.ro dellas, emtregue a Paulo Roiz quatro mil rs de q̃ lhe fazemos M.e na prim.ra pedra q̃ lançamos na obra do passadisso q̃ fazemos das cazas Pontificais p.ª vnir a ellas, o Coll.º dos mossos do choro; E com conhecim.to feito pello nosso Escrivão da fazenda e assinado pello ditto Paulo Roiz de como recebeo os dittos 4: mandamos lhe seião leuados em conta nas q̃ der de seu reçibo. Dada em Euora sob nosso sinal aos noue dias do mes de Dezembro de seis s.tos sessenta e seis annos. E eu João franco Escriuão da fazenda a sob Escrevi.

Fr. Luiz de Souza.

16.º D. FREI JOAQUIM DE SANTA CLARA BRANDÃO

DE 1816 A 1818

Na heroica cidade do Porto nasceu este Prelado, em 23 de Agosto de 1740.

Era monge Benedictino e Doutor em Theologia na Universidade antes de ser eleito Arcebispo de Evora.

Professara a Regra de S. Bento no mosteiro de Tibães, sendo Geral Fr. Antonio de Santa Clara.

Em 24 de Maio de 1766 tomou ordens de presbytero em Coimbra, que lhe foram conferidas pelo Bispo d'aquella cidade, D. Miguel da Annunciação.

Em 17 de Julho de 1771 tomou o grau de Bacharel em Theologia e Capello em 1778, exercendo já o magisterio.

Um Alvará de 17 de Fevereiro de 1790 o nomeou Prégador da real Capella da Bemposta.

Por Carta regia de 29 de Dezembro de 1793 foi nomeado Lente Cathedratico de Exegetica, e em 15 de Março de 1806 Lente de Prima de Theologia.

Foi elle quem primeiro prégou nas exequias de Sebastião José de Carvalho e Mello, em Pombal, quasi forçado pela auctoridade

de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Bispo de Coimbra, cuja mitra devia ao Marquez de Pombal, e que para esta Villa saira com muita clerezia e com a musica da real capella da Universidade e da sé, quando sabida em Coimbra a morte do grande Ministro.

Curioso é o dialogo havido entre os dois logo que Santa Clara, chegado a Pombal, ajoelhou para beijar a mão ao Bispo de Coimbra, que lhe perguntára porque duvidou em vir ao seu primeiro chamamento? Ao que Fr. Joaquim de Santa Clara respondera — *Domine, salva nos, perimus.* Erguendo-o, D. Francisco de Lemos lhe respondeu: *Quid timidi estis, modicae fidei?* Dialogo tirado do sabido logar de S. Matheus, cap. VIII, vers. 23 a 27.

Prégou, com effeito, Santa Clara.

Grangeou-lhe aquelle sermão grande desamor da Côrte de Roma, que muita duvida poz em o confirmar Arcebispo d'Evora.

Corre impresso o notavel sermão no *Investigador Portuguez* numero 78 de Julho de 1817 e no *Conimbricense* numeros 2540 e 2541 de 1871.

Em Dezembro de 1814 já Santa Clara estava eleito Arcebispo; mas, tal foi a lucta para a sua confirmação, que só tomou posse da mitra em 3 de Outubro de 1816, tendo sido sagrado em 21 de Setembro [1].

A eleição d'este grande orador sacro foi festejada em Coimbra com estrondo, como se póde ler no *Jornal de Coimbra.*

Entrou em Evora em 6 de Novembro de 1816, e 'nesta cidade falleceu, desgostoso com a côrte e com Roma, em 11 de Janeiro de 1818. Jaz no cruzeiro da sé em campa rasa com este epitaphio:

D. F. JOACHIMUS . S. CLARA . BRANDÃO .
EX . BENEDICTINA . FAMILIA .
IN . CONIMBRICENSI . LYCEO .
THEOLOGIAE . PRIMARIAE . CATHEDRAE .
AD . VITAM . SPLENDOR .
OCTOGENARIUS
HUJUS . METROPOLIS . ANTISTES .
VIRTUTIBVS . PLENVS .
AD . ANNUM . RAPTUS .
HIC . SITUS . EST .

O *Plano e o Regulamento dos Estudos para a Congregação de S. Bento*, é obra sua, como o são outros escriptos.

No Codice $\frac{CXXIX}{2-12}$ da Bibliotheca Publica de Evora existem algumas tentativas poeticas suas, já originaes, já traducção do grego, já latinas.

Assim começa uma ode original:

Longe, longe de mim vulgo profano:
Silencio... ás puras virgens e aos meninos,
Eu, ministro das musas,
Vou consagrar um canto nunca ouvido.

Os reis potentes, sobre os seus vassallos,
Sobre os reis, Jove tem poder supremo,
Vencedor dos gigantes,
Que tudo abala co'o mais leve aceno.

Que importa que este plante mais pomares,
Que ás honras por mais nobre aquelle aspire
Que este em fama e virtudes,
Est'outro em mais amigos se confie?

Com mão imparcial o iniquo fado
Os grandes e pequenos revolvendo
Dentro da fatal urna,
Seus nomes, confundidos, arrebata.

Póde acaso gostar doces manjares
Ao som da lyra, ao som dos passarinhos,
Dormir quem vê pendente
Sobre a impia cervis da espada o fio?

Por essa amostra se vê que, tal qual fôra grande orador sagrado, nunca poderia ser poeta, ao menos harmonioso.

Foi seu Vigario Geral o Bispo de Bugia, Antonio Mauricio Ribeiro.

NOTAS

[1] Aqui publicaremos a carta autographa que confirma estar elle eleito em 1814. É a seguinte:

«Ill.mo e Ex mo Snr. — Muito cordialmente agradeço a V. Ex.a a obsequioza Carta, a mim dirigida só para me honrar, a qual tanto me obriga! Pelo que V. Ex.a nella me diz, espero ter cedo a felicidade de estar por algum tempo mais perto de V. Ex.a na Corte, para onde estou de partida. Logo que eu ahi chegue, procurarei a gostoza e dezejada Satisfação de conversar com V. Ex.a, para na Sua Prezença renovar os meus sinceros agradecimentos; para dar a V. Ex.a os mais bem merecidos Parabens em tróca (por assim dizer) dos que V. Ex.a me dá tão generozamente sem eu os merecer; e para pedir a V. Ex.a os prudentes conselhos, de que muito necessito. Entre tanto estimarei grandemente que V. Ex.a Logre Saúde perfeita para bem da Igreja e do Estado; e me dê, ou prepare occaziões de mostrar-lhe a veneração, com que Sou, e m.to me prézo Ser

De V. Ex.a

Ill.mo e Ex.mo S.r Bispo Eleito,

Provizor do Arcebispado de Evora.

Servo attento e obrigado

Fr. Joaquim de S.ta Clara

Arcebispo Eleito de Evora.

Coimbra, 14, de

Dezr.o de 1814.

17.º D. FREI PATRICIO DA SILVA

DE 1820 A 1826

Nas proximidades de Leiria, de paes pobrissimos, segundo uns, de remediados, segundo outros, nascera D. Patricio em 15 de Outubro de 1756.

Tinham por nome seus progenitores, Jacintho da Fonseca e Silva e Thereza Ignacia de Sousa.

Novo ainda entrou elle no convento dos Agostinhos Calçados de Leiria, onde os frades, conhecendo-lhe o talento não vulgar, o educaram.

Em 21 de Dezembro de 1780 tomou ordens de Presbytero.

Fez exame privado e doutorou-se em Coimbra em Julho de 1785 e ali foi Lente de Theologia.

Reitor do Collegio da sua Ordem em Coimbra, foi depois Prégador Regio, Censor do Patriarchado, Socio da Academia Real das Sciencias e Professor de Theologia no Seminario de Santarem.

Eleito Bispo de Castello Branco em 13 de Maio de 1818, não tomou posse d'aquella diocese porque em 3 de Maio de 1819 foi nomeado Arcebispo de Evora, cuja Mitra acabára de vagar por obito de Fr. Joaquim de Santa Clara.

Em 21 de Fevereiro de 1820 foi confirmado em Roma, e em 30 de Abril, sagrado na egreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, tendo tomado posse por procuração, em 21 do mesmo mez.

Em 27 de Setembro de 1824 foi elevado a Cardeal.

Por morte do Cardeal da Cunha, Patriarcha de Lisboa, foi elle o eleito e confirmado por Bulla de 13 de Março de 1826.

Foi Regedor da Casa da Supplicação, Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, e Vice-Presidente da Camara dos Pares, em 1826.

Falleceu em 3 de Janeiro de 1840 em Lisboa, e jaz em S. Vicente de Fóra sem epitaphio, ou qualquer letreiro indicativo do cadaver que ali jaz, e nenhum dos senhores Patriarchas depositados nos jazigos teem epitaphio no seu caixão; em uma palavra, no jazigo Patriarchal não ha uma letra [1].

Deixou impressas algumas Pastoraes, modelos no genero.

Foram seus Provisores:

Antonio José de Oliveira, Bispo de Eucarpia [2];

Antonio Mauricio Ribeiro, Bispo de Bugia, fallecido em Setubal e sepultado no convento de Brancanes sem epitaphio nenhum presentemente, e talvez mesmo nunca o tivesse, pois que Antonio Mauricio Ribeiro ali falleceu expatriado em época de paixões partidarias, pouco asada á concessão de memorias aos vencidos. Este Bispo deixou grandes haveres.

NOTAS

[1] De S. E. R. o Sr. D. A. A. de M.

[2] Eis uma carta original com a assignatura de D. Patricio ácêrca das contas da fabrica da sé no tempo em que o mesmo Bispo de Eucarpia fôra fabriqueiro:

«Tendo Nós determinado fechar, e ajustar as contas da Fabrica da

Nossa S.ta Sé dos ultimos seis annos, em q̃. foi Fabriq.ro o Ex.mo Bispo d'Eucarpia, q̃. Ds haja em gloria, com os R.dos Conegos, seus Testamenteiros, p.a q.do nos recolhessemos a Evora; e vendo agora, q̃. o Nosso regresso p.a essa Cid.e se vai retardando mais, do q̃. esperavamos; considerando, q̃. a demora do ajuste, e liquidação das d.as contas, pode ser prejudicial á Testamentaria do Ex.mo Defunto: Ordenãmos ao R.do Conego, Nosso Vig.ro G.al, e Juiz dos Residuos, q̃. da Nossa parte convide o R.do Conego Fabriq.ro, e os dous R.dos Conegos Testament.ros, p.a q̃. na sua prez.a procedão amigavelm.te, e com aq.la bõa fé, q̃. he de esperar de Ecclesiasticos de tanta probidade, e revestidos de tão distincta Dignid.e, á sobred.a liquidação, e ajuste de contas, fazendo as sessões, e conferencias necessarias ate se ultimar este negocio. Hoccorrendo duvidas, q̃. estorvem a sua amigavel concluzão, não duvidaremos praticar, como ja propozemos, o mesmo, q̃. praticou o Nosso Veneravel Predecessor, o Ex.mo e R.mo Sr. D. Fr. Manoel do Cenaculo, a resp.to das preced.tes contas do m.mo Ex.mo Bispo Ex Fabriq.ro, isto he, dar tambem estas por justas, e saldadas sem debito de parte a p.te, lavrando-se termo de aceitação d'esta amigavel composição por parte dos H.dos Testament.ros, q̃. nos-será remettido, sem outras clausulas, ou condições, mais do q̃. as necessarias p.a legalizar as contas da Testamentaria. E não convindo os sobred.os R.dos Conegos Testamenteiros, poderá o R.do Conego, Nosso Vigario Geral conceder, q̃. se continúe na venda dos bens da herança, debaixo das condições ja requeridas p.to R.do Conego Fabriq.ro, de se põr o seu producto em depozito, e da m.ma sorte o producto das vendas ja feitas liquido das indispensaveis despezas, até se julgarem, e sentenciarem as referidas contas. Lx.a 30 d'Abril de 1824.»

Fr. Patricio Arceb.o d'Ev.a

18.º D. FREI FORTUNATO DE S. BOAVENTURA

DE 1832 A 1844

De paes pobres mas honestos nasceu Fr. Fortunato de S. Boaventura na Villa de Alcobaça, pelos annos de 1778.

Em 25 de Agosto de 1795 professou elle a Regra de S. Bernardo, no grande Mosteiro da sua patria.

O seu talento e applicação o fizeram ir a Coimbra estudar Theologia, em cuja Faculdade se doutorou.

'Naquella cidade foi professor, tanto no Collegio das Artes como na Universidade.

Em 27 de Agosto de 1831 o nomeára D. Miguel Reformador Geral dos Estudos, e em 29 de Setembro do mesmo anno Arcebispo de Evora.

No dia 3 de Junho de 1832 tomou posse da Mitra.

Pouco tempo pastoreou o seu rebanho D. Frei Fortunato de S. Boaventura. As comoções politicas que abalaram o Reino 'naquella época o arrojaram para longe da patria e dos amigos.

Em 1833 era seu Governador o Dr. José Joaquim Poças.

No dia 2 de Abril de 1834 achava-se elle em Estremoz, e no dia 10 em Borba [1].

Saindo, para não mais voltar, o Governo liberal nomeou em Evora uma Junta Governativa composta do Deão o Sr. José Joaquim de Moura, actual Arcebispo de Braga, Joaquim José Varella, e José Antonio da Matta e Silva, que falleceu Arcebispo de Evora.

Em 1837 era a Junta composta do Sr. José Joaquim de Moura, Antonio Joaquim de Silva e Sousa, João Limpo Pimentel e Eleutherio Francisco Castello-Branco.

Em 1838 governou sómente Joaquim Placido Galvão Palma.

De 1840 a 1842 governou o Arcebispado Manuel Pires de Azevedo Loureiro, depois Bispo de Béja.

Em 1843 foi Governador Manuel José Fernandes Cicouro, na qualidade de Vigario Geral.

No anno seguinte, com 66 annos de idade, falleceu em Roma o sabio filho de S. Bernardo, e ali jaz na Egreja da invocação do Santo da sua Ordem, sem epitaphio algum. Odiado de muitos na vida, por suas ideias politicas, lá dorme o eterno somno esquecido na morte [2].

O seu nome ha de, porém, ser lembrado, emquanto se fallar a lingua de Fr. Luiz de Sousa, porque «o sabio não vae todo á sepultura».

Prelado de vasta erudição foi bem digno de melhor sorte. Fautor dos principios politicos do Infante D. Miguel Fr. Fortunato morreu expatriado e quasi na miseria, deixando um nome illustre e respeitado na republica das letras portuguezas [3].

No Diccionario Bibliographico do Sr. Innocencio Francisco da Silva se póde ver o extenso catalogo de suas variadas obras.

NOTAS

[1] Fallam assim os documentos: «Remettida ao M. R.^{do} Vig.^{ro} da vara, para que, verificada a pobreza dos Supp.^{es} e a devida separação por nós tantas vezes recommendada, se lhes conceda a graça que pedem. Estre-

moz, 2 de Abril de 1834. F. F. S. B. A.» É um despacho á petição de Filippe Nery Machado e de Gertrudes do Carmo para casarem.

Um despacho semelhante é datado de «Borba, 10 de Abril de 1834. F. F. S. B. A.»

* Dizem-nos de Roma: «Não só não existe epitaphio, nem monumento, nem lapida nenhuma ao Arcebispo de Evora, que está sepultado em S. Bernardo.»

* Ácêrca do caracter moral de Fr. Fortunato de S. Boa Ventura bem é que fique aqui exarada a opinião de um nosso illustre homem de letras, que não nos atrevemos a combater, não só porque já nascemos depois da calamitosa quadra e não fomos testemunhas presenciaes da prédica do sabio Arcebispo, em que, segundo seus adversarios, mais pungente era sua doutrina, mas porque não sendo nosso fim agredir ou combater-lhe o caracter melhor julgamos deixar aos que possam ser juizes desapaixonados, o aquilatar este parecer, tão famosamente escripto. Para nós, que só folgamos ver em Fr. Fortunato o homem de letras é-nos doloroso o recordar a sua expatriação, as privações que se affirma soffrera em Roma e a falta de uma lapida, por singela que fosse, que na egreja de S. Bernardo, 'naquella metropole da christandade lhe perpetuasse o nome. Eis a opinião do nosso muito illustrado amigo:

«Ácerca do caracter moral d'este celebre monge de S. Bernardo devo dizer, com a mão na consciencia, e debaixo da minha palavra de honra, que era inteiramente opposto ao que lhe attribuiram os seus adversarios politicos, alcunhando-o de *sanguinario*, *furibundo*, etc., etc. Era todo brandura o bom de Fr. Fortunato, e de uma acrysolada caridade.

«Presenciei o que vou dizer. Todos os dias dividia o seu jantar ao meio, dando metade a umas senhoras pobres e envergonhadas, que moravam em Coimbra, na Rua Direita. Mandavam uma condeça, e elle, pelas suas proprias mãos, arranjava e acondicionava alli o jantar.

«Era sobremaneira affeiçoado ao instituto de Freiras de Villa Pouca da Beira, que professavam a mesma regra das Therezinhas de Coimbra. As suas alumnas sahiam, pela maior parte, de raparigas robustas e sadias do povo, com pronunciada vocação religiosa, e forças para cumprir os preceitos austeros da Ordem. O bom de Fr. Fortunato ás desvalidas, qua era o maior numero, dava o enxoval, e hia pregar na profissão, favorecendo assim a liberdade do bem. Hoje só ha a liberdade do mal: os prostibulos estão abertos, fechadas as casas religiosas!

«Mas dir-me-ha V. S.ª:—Os escriptos politicos de Fr. Fortunato ressumam odios e vinganças por todos os póros; não está em harmonia o que você diz com o que elle escrevia...»

«Olhe, meu bom amigo, semelhava-se, sob este ponto de vista, o bom monge cisterciense com o nosso Taborda.

«Quem conhece e trata na vida intima este celeberrimo actor e insigne comico, acha-o grave, serio, até melancholico; e, todavia, no theatro é uma personagem muito differente.

«São problemas psychologicos estes, que nem sempre têem facil resolução, com quanto a devam ter obvia.

«Virtude austera, pureza de costumes intemerata creio que ninguem ainda poz em duvida em Fr. Fortunato; a virtude, por que mais particularmente se illuminou o vulto venerando do prelado eborense foi a caridade. Perdôe a diffusão.

«Venerei sempre este meu mestre, porque o foi no meu exame de Grego; era desleixado no vestir, e parecia rude nos modos, occultava-se, porém, n'estes exteriores um excellente homem a todos os respeitos.»

19.° D. FRANCISCO DA MÃE DOS HOMENS ANNES DE CARVALHO

DE 1846 A 1859

Nescera na cidade de Evora, em 24 de Setembro de 1780 e fôra baptisado na Egreja de Santo Antão. Seus paes se chamaram João Ferreira Marques e D. Thereza de Jesus.

Tomou o habito de Santo Agostinho no convento de Nossa Senhora da Conceição em Estremoz, no dia 5 de Novembro de 1795, por mão de seu sobrinho, Joaquim da Mãe dos Homens Galvão Palma.

Chamado a Setubal por seu irmão, Frei Joaquim de Jesus, ali professára, em 6 de Novembro de 1796.

Em Coimbra, no Collegio de Santa Rita, completou os seus estudos theologicos [1].

Voltando a Evora, no Convento da sua Ordem ensinou Philosophia, não tendo ainda 23 annos de idade.

Em Julho de 1808 começou a prégar em Evora em favor da legitimidade da casa de Bragança, não só por serem aquellas as suas ideias, mas porque D. Frei Manuel do Cenaculo a isso o aconselhava. Arriscada era tanta audacia quando Loison se approximava da cidade com um exercito vencedor de mil combates!

Na cathedral eborense foi elle orador na festa que commemorou a batalha de Bailen, vencida pelos hespanhoes. Por isso nos dias 29, 30 e 31 de Julho d'aquelle anno elle foi perseguido e procurado em Evora, tendo, por se escapar aos Francezes de saltar da muralha da cidade e de se refugiar em Monsaraz, até á derrota dos vencedores na Roliça e no Vimeiro.

Prégando depois na mesma sé de Evora na commemoração das victimas dos Francezes, por tal modo se houve que Cenaculo lhe deu a Egreja de S. Matheus, no concelho de Monte-mór-novo. Adoecendo, porém, de sezões 'naquella freguezia, d'ali saiu para o Convento da Boa Hora em Belem, onde ensinou Theologia moral.

Algum tempo depois embarcou-se para o Brasil, deixando Portugal em 15 de Setembro de 1812 e chegando áquella possessão em 3 de Dezembro.

Ali estreiou a sua brilhante carreira de orador sagrado na capella real, onde, pouco depois, prégou nas exequias da Infanta D. Marianna.

Bemquisto de D. João VI este o nomeou Prégador Regio e o fez cavalleiro de Christo, e Prior da Egreja de Nossa Senhora da Graça da Villa de Assumar, de que não chegou a tomar posse, por ser apresentado em uma conezia magistral da capella regia.

Em 17 de Fevereiro de 1819 foi nomeado administrador da Capella de S. José de Evora.

Entretanto, declarando-se a independencia do Brasil e recusando-se a prestar juramento e a reconhecer aquella independencia, voltou ao reino em 12 de Junho de 1822.

No anno seguinte passou-se de novo ao Brasil, onde, no Maranhão, prestou valiosos serviços a Portugal, e d'onde voltára, obstinando em não jurar a independencia d'aquella colonia. Dezembarcando no Porto d'ali foi para Lisboa.

Estava então prestes a sair para Coimbra o Bispo D. Joaquim da Nazareth, e D. João VI o nomeou conego d'aquella sé, para onde partiu com o referido Bispo, como seu Secretario.

Entrementes chegára D. Miguel ao reino. Intrigado com aquelle Principe foi mandado remover para Trancoso e Mangualde, onde permaneceu alguns annos.

Em 1834 regressou á capital e foi logo nomeado Vigario Capitular de Béja, e em 1835 collado em um canonicato da sé de Lisboa.

Agraciado com a commenda de Christo e com a Carta de conselho em 1843, em 1844 foi elevado a Thesoureiro-mór da sé de Lisboa.

Foi então Deputado, primeiro pelo Alemtejo, depois por Lisboa.

Em 20 de Setembro de 1845 eleito Arcebispo de Evora foi confirmado em 24 de Novembro e sagrado no primeiro de Fevereiro de 1846 na egreja de Belem, tendo já tomado posse da Mitra em 31 de Janeiro do referido anno.

Na qualidade de Par do Reino se achava em Lisboa quando em 1846, fechadas as côrtes, regressou a Evora, onde chegou em 11 de Junho á noute.

Homem de vontade sua, energica e inflexivel, D. Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho falleceu em Evora em 3 de Dezembro de 1859.

Agitada mas brilhante foi a sua vida publica, tanto no Brasil como no Continente. As faltas que podesse ter na particular Deus lh'as terá perdoado já por sua infinita bondade.

Inimigo do fausto depois da morte, jaz no cemiterio publico de Evora, com este singelo epitaphio por baixo de suas armas:

F . A . D'E .
3 - 12 - 59 .

Foi seu Provisor e Juiz dos casamentos, antes de confirmado Bispo de Bragança, o Sr. D. João d'Aguiar.

Deixou impressos — *Discursos moraes, para instrucção dos filhos da santa Egreja metropolitana de Evora.* Lisboa, 1847, e muitos sermões manuscriptos, ainda hoje estimados dos oradores sagrados de Evora [2].

NOTAS

[1] Estes estudos theologicos não foram Formatura, mas frequencia de curso que provavelmente havia no Collegio de Santa Rita. Na Universi-

dade se não matriculou elle, como se nos affirma da Secretaria respectiva. Não tinha, pois, grau nenhum pela Universidade.

* Eis um specimen de sua linguagem:

«Fazemos saber que tendo Nós obrigação e necessidade de hirmos á corte de Lx.ª em serviço do Estado, e Nacional, e q̃ devendo passar, e demorarmo-Nos na Villa de Montemor o Novo, Tencionamos na mesma Villa conferir Ordens a alguns ordinandos, q̃ estejão munidos de Breve extra temporæ, e por consequencia de Administramos o S.to Sacramento da confirmação a todos aquelles dos Nossos subditos e filhos q̃ ainda não estejão confirmados. E por q.to seja no Domingo 30 de Dezembro q̃ tencionamos exercer este nosso dever Pastoral cumprenos dar as previas instrucções q̃ julgamos necessarias p.ª cada hum dos Adultos se habilitar p.ª a recepção de hum Sacramento q̃ he a coroa do Baptismo.

Primeiram.te todos os Adultos devem Confessar-se p.ª receberem da nossa mão o S.to Sacram.to da Eucharistia dentro da Missa Pontifical q̃. Celebraremos.

2.º hirem munidos de Padrinho ou Madrinha comtanto q̃ o não sejão os Pais dos Filhos e as Mães dos Filhos.

Ultimamente, q̃. cheguem todos a receber este S.to Sacram.to com as disposições necessarias a colherem os fructos de benção q̃ muito desejamos colhão todos aquelles dos Nossos Filhos q̃. habitão huma terra p.ª Nos de tão grata memoria.»

20.º D. JOSÉ ANTONIO DA MATTA E SILVA

DE 1760 A 1769

É Castello Branco a patria d'este Prelado. Ali nasceu em 23 de Junho de 1800, de Agostinho Antonio da Matta e Silva e de D. Quiteria Maria da Matta e Silva.

Formou-se em Canones na Universidade de Coimbra, em 15 de Junho de 1824.

Uma Provisão de D. Fr. Patricio da Silva, de 13 de Janeiro de 1825 o nomeou Conego prebendado da sé de Evora, sendo 'nella collado em Lisboa em 6 de Março do mesmo anno, pelo Prelado que o nomeára.

Do bispo Provisor, D. Antonio Mauricio Ribeiro, recebeu elle em Evora as ordens de subdiacono e presbytero, cantando a primeira missa na sé, em 29 de Junho de 1825.

Por Provisão de 1 de Fevereiro de 1826 foi elevado a Thesoureiro-mór da mesma sé, em que se collou no dia 3, tomando posse a quatro do referido mez.

Por carta Apostolica do Arcebispo de Barita, de 5 de Janeiro de 1846 foi nomeado Vigario Apostolico do Bispado do Guarda.

Em 29 de Março de 1848 foi elevado a Deão da sé de Evora, e tomou posse a 23 de Junho.

A pedido seu escusaram-no de Vigario Apostolico da Guarda, em 17 de Março de 1852.

Depois de ser Deputado pela terra de sua naturalidade, foi eleito Bispo de Béja, por Decreto de 1 de Fevereiro de 1859, tomando posse por procuração, em 21 de Agosto.

Sagrado em Lisboa, em 16 de Outubro do mesmo anno, pelos Bispos resignatarios de Angola, D. Sebastião da Annunciação Gomes e Lemos e D. Joaquim Moreira Reis, entrou em Béja em 25 de Novembro.

Por Decreto de 19 de Abril de 1860 foi eleito Arcebispo de Evora, e confirmado no Consistorio de 13 de Julho do referido anno tomando posse da Mitra por procuração, em 29 de Agosto. No dia 30 fez uma brilhante entrada em Evora.

Em 2 de Setembro o Bispo de Bragança, o sr. D. João de Aguiar, lhe deu o Paleo na capella do paço, fazendo a sua entrada na cathedral no dia 4.

Morreu em 5 de Setembro de 1869, e jaz sepultado no cemiterio da cidade, com este epitaphio:

AQUI JAZ
D. JOSÉ ANTONIO DA MATTA E SILVA,
ARCEB· METROP: D'EVORA.
FOI CONEGO, THESOUR: MOR,
E DEÃO DA MESMA SÉ
POR ESPAÇO DE 34 A.^{s}
FOI VIG.^{o} APOST.^{o}
DO BISP.^{o} DA GUARDA
6 A.^{s} E MEIO,
E BISPO DE BEJA
POUCO MAIS DE UM ANNO.
FALL. EM 5 = 9 = 69.
PEDE AS ORAÇÕES DOS FIEIS.

Foi seu Juiz dos Casamentos:

José Abilio de Oliveira, Deão da sé, e Governador do Arcebispado por sua morte.

Manuel Joaquim Barradas, Thesoureiro-mór da sé, tambem governou o Arcebispado interinamente na séde vacante, que terminou em 1871.

NOTAS

* «Ó quam differentes são os desenhos de Deos, das politicas, e systemas do Mundo! A homens profundos, habeis, e distinctos pelos seus raros talentos, é que os reis da terra ordinariamente confiam os negocios importantes, os segredos do Estado e os cargos eminentes. O homem tem necessidade do homem: Deus não tem necessidade d'alguem: escolhe os fracos, para confundir os fortes (ad corinth. c. 1 v. 27): escolhe o homem sem nome, sem credito, sem erudição, sem talento; e bem como amoroso Pai, que se abaixa para dar a mão ao tenro filhinho, que não pode ainda suster-se nas mal seguras plantas; assim Elle descendo do Throno de Sua Magestade, virá sustentar Nossa fraqueza, e conduzir-nos, como pela mão, ao alto monte, e eminente logar da sua Igreja. Senhor, que profundos e incomprehensiveis são os vossos Juizos, e investigaveis os vossos caminhos! (ad Rom. c. 11 v. 33). *Saudação Pastoral*, Lisboa, Typ. de G. M. Martins, pag. 3.»

21.º O SENHOR D. JOSÉ ANTONIO PEREIRA BILHANO

DE 1871 A 18...

Difficil e melindroso é sempre o escrever de vivos. A censura é acrimonioso despeito, o louvor objecta subserviencia! Assim é que o mundo, assim é que os homens apreciam, por via de regra, a verdade, ou a mentira muitas vezes, dita do cidadão prestante. Mas, deverão os preconceitos dos homens tolher-me o livre arbitrio? Impor inacção á minha penna? Não. A despeito d'isso vou fallar do Prelado venerando, a quem muito respeito, dês que pela primeira vez ouvi a um talento que abrilhantou o magisterio theologico na Universidade fallar do Venerando ancião, que hoje cinge a mitra de D. Frei Manuel do Cenaculo.

Na villa de Ilhavo, no districto d'Aveiro, nasceu em 22 de Março de 1801 o Senhor D. José Antonio Pereira Bilhano, de paes sem haveres, mas honestos, que haviam nome João Antonio Bilhano e Rosa Maria de Jesus.

Orphão de pae em tenra edade, o Senhor D. José Antonio Pereira Bilhano ficou privado não só do melhor amigo mas de recursos para seguir a vida ecclesiastica, seu desejo e vocação.

Apresentado 'naquellas circumstancias ao respeitavel Bispo de Aveiro, D. Manuel Pacheco de Resende, este sob sua protecção o

tomou e amparou, como a arvore frondente abriga o rasteiro arbusto, que, mais tarde, viçando verdura e flores, abrigará outras plantas.

Quem diria ao caridoso Prelado Aveirense que a mitra do Cardeal rei cingiria um dia a fronte do joven proteccionado? Contrapondo-se á sombra da mancinella, que mata, a do venerando Prelado de Aveiro creou, frutificou e sasonou. Da sua eschola de virtude quem poderia sair sem ella?

Pela bôcca da provada verdade repetem os homens: — Quem a boa arvore se chega boa sombra o cobre.

Em 1823, havidos d'aquelle virtuoso Prelado os precisos meios, o Senhor D. José fez em Coimbra a sua formatura em Canones, obtendo informações distinctas por seu *talento, applicação e exemplar comportamento.*

Regressando a Aveiro 'naquelle anno foi Sua Excellencia Reverendissima nomeado Professor das Cadeiras de Historia Sagrada e Ecclesiastica e de Direito Canonico, regendo tambem, mais tarde, a de Theologia Moral.

D. Manuel Pacheco de Resende o nomeou Promotor do Juizo Ecclesiastico, e, successivamente, Juiz dos Casamentos, Vigario Geral e Provisor. Até ao fallecimento do caridoso Prelado em 1837 se conservou o Senhor D. José Antonio Pereira Bilhano no exercicio dos dois ultimos cargos.

Não cedendo ás instancias e rogativas que por então lhe fizeram para continuar no governo do Bispado, recolhera-se á sua humilde casa de Ilhavo, desprovido de bens terrenos, depois de quatorze annos de vida publica, dedicando-se exclusivamente ao ensino particular da Historia, Latinidade, Logica, Rhetorica, Geographia, Francez e Inglez.

Gratuitamente receberam de Sua Excellencia a instrucção muitos mancebos, que de outra sorte a não alcançariam. De muitas terras do seu e de alheios districtos lhe trouxe a fama de suas virtudes e sciencia muitos discipulos que, tanto nas cadeiras da Universidade como nos logares da Magistratura Judicial e Administrativa hoje desempenham funcções importantes.

Interrompidas em 1842 com a Santa Sé as relações do nosso governo, Sua Santidade o investiu de todos os poderes e jurisdicção ordinaria no Bispado de Aveiro, com faculdade de os delegar em

clerigos de sua escolha; e, por tal modo se houve Sua Excellencia na melindrosa conjunctura que mereceu do Summo Pontifice bem cabidos louvores e distinctas provas de apreço, que directamente lhe foram communicadas em documentos muito honrosos, sem se malquistar tambem com os nossos poderes publicos.

Despachado Parocho da Oliveirinha em 1849, foi provido em 1851 por concurso na parochial de sua patria.

Sobejas provas deu Sua Excellencia de sua honradez, independencia de caracter e amor patrio na Legislatura de 1853 a 1857.

No anno de 1860, de novo instado, acceitou o Senhor D. José o governo do Bispado d'Aveiro que conservou até 17 de Março de 1868, em que fôra exonerado, sem desaire de seu caracter integerrimo. Assignalados foram os serviços de Sua Excellencia 'nesse periodo.

Em 1869 foi eleito pelo Governo de Sua Magestade Arcebispo da Metropole transtagana, e 'nella confirmado por Sua Santidade Pio IX em 6 de Março de 1871.

No primeiro dia de Maio d'este ultimo anno, tomou posse por procuração de Sua Excellencia o fallecido Deão da sé de Evora, José Abilio de Oliveira.

Sagrado em Lisboa no dia 4 de Junho de 1871 entrou em Evora no dia 7 e na sua Cathedral no dia 8 do referido mez e anno.

As reformas por Sua Excellencia Reverendissima emprehendidas e realisadas tanto na cahotica administração de alguns ramos de serviço, como na reforma da parte meridional do paço e nas repartições ecclesiasticas que mandou fazer no rez do chão do mesmo; o seu trato affavel e humano para com todos sem excepções; e, sobre tudo, a sua mais que muita caridade já assignalam brilhantemente o seu governo e tornarão perduravel o seu nome na serie dos venerandos Prelados Eborenses.

Tres vezes até ao presente tem S. Ex.ª saido a uso de banhos, sendo seus Governadores, primeiramente em Junta, os Ex.mos Srs. Dr. José Mauricio de Carvalho, natural de Rio Maior, B.el Manuel Joaquim Barradas, natural d'Elvas e B.el Abel Martins Ferreira, natural de Coimbra, Conegos da sé; depois, nos annos seguintes, o primeiro e ultimo d'aquelles senhores: em 1872 o sr. Abel Martins Ferreira e depois d'elle o sr. Dr. José Mauricio de Carvalho, e em 1873 este senhor sómente [1].

NOTAS

[1] Quando Sua Excellencia Reverendissima ensinára humanidades na sua casa de Ilhavo escrevera compendios de Rhetorica, Historia e de outras disciplinas, pela falta que d'elles havia 'naquelle tempo; mas, summamente modesto nunca os deu á estampa conservando-se ineditos. Os srs. Cardoso e Doria escreveram os seus depois. Por amostra de seu estylo eis um trecho de sua primeira Pastoral aos Eborenses:

«Damos graças a Deus Nosso Senhor, e alegramo-nos em Jesus Christo Nosso Salvador, por sabermos, que sois firmes na fé, que uns e outros professamos, e *caminhaes pela verdade do Evangelho*, (Ad Rom. 1. v. 12) esperando aquelles bens ineffaveis, que Elle nos promette na Sua Gloria depois de terminada a peregrinação d'esta vida. (Ad Tit. 2 - 13). Conservae sempre puro e intacto o deposito das verdades, que Elle nos revelou, intacta a Religião dos nossos paes, a qual pela sua antiguidade, uniformidade, duração e permanencia tem todos os caracteres de Divina, que mostram que Deus é o seu Auctor, que ella ha de subsistir sempre a mesma até á consumação dos seculos, e cuja crença é a mais sabia, prudente e a mais racionavel e digna do homem; e que a despeito dos seos inimigos, e de tantos e tão rudes combates, tem sempre incorrupta, atravessado os seculos, passando de geração em geração, e aprezentando-se sempre victorioza dos Cezares, dos philosophos, dos tyrannos, do mundo, do inferno e das paixões; invariavel em seos dogmas, nos seos mysterios, nas suas maximas, formando dos que tem a felicidade de a professarem, posto que differentes em costumes, interesses, patria, ideas e nação um só corpo mistico, de que Jesus Christo é a Cabeça, com um só espirito, um só Senhor, um só Mediador, uma mesma Fé, um só Baptismo, um só Evangelho, e um só Deus, que é pae de todos = unum corpus et unus spiritus, unus Dominus, una Fides, unum Baptisma, unus Deus et pater omnium. (Ad Eph. 4. v. 4, 5, 6; Ad Thimot. 2. v. 5).»

Da saudação Pastoral (pag. 1.ª).

ERRATAS

Alguns erros escaparam na revisão das provas. Defeito é este quasi inseparavel d'estes trabalhos, quando especialmente o revisor é o proprio auctor. Não fallando dos muitos erros de imprensa, por vezes singulares e menos castos do que seria para desejar, e nunca foram sequer lembrados pelos auctores, como agora nos occorre um, publicado no *Diario do Governo* por occasião da sahida do Reino das *Irmãs da Caridade;* outro, dado com o nosso amigo o sr. Martins de Carvalho, aliás excellente revisor, 'numa noticia ácêrca de uma arruaça, cremos, succedida á Porta ferrea, em Coimbra, e publicada no seu *Conimbricense*, comnosco se deu o caso de nos matar o typographo de um modo singular os castelhanos em Aljubarrota. Escrevemos:

E nos gemidos de angustia
Dos que estavam a expirar;

e o *Commercio de Coimbra*, cujo Redactor foi o nosso chorado Dr. Gaio, e onde primeiro se publicou a composição *Brites de Almeida*, entendeu fazer-lhes a pirraça de os matar a *espirrar!* E assim morreram a dar espirros centos de castelhanos em Aljubarrota!

Se ao menos todos os erros typographicos fossem como o que se deu com Malherbe, na bonita poesia feita á morte da filha Du Perrier, por nome *Rosette*, bemdiriamos sempre os typographos e seus erros e seriam elles o melhor revisor de um auctor qualquer. Todos conhecem a sentida e mimosa quadra:

Mais elle était du monde où les plus belles choses
Ont le pire destin;
Et rose elle a vécu ce que vivent les roses
L'espace d'un matin.

E Malherbe havia escripto: *Et Rosette a vécu*, etc. O erro 'neste caso centuplicou a belleza da imagem por fórma que o poeta acceitou a correcção! Como isto é, pois, geralmente sabido absolvam-nos das faltas os que conhecem a difficuldade. Eis os principaes:

Pag.	21,	*onde se lê:*	EPISCOPUS,	*leia-se:*	EPISCOPIS.
»	31,	»	vandelismo,	»	vandalismo.
»	58,	»	REN̄I,	»	REMI.
»	64,	»	D'ENCARPIA,	»	D'EUCARPIA.

» 80 (em alguns exemplares) *aonde se lê* — DE 1760 A 1769 — *leia-se* — DE 1860 A 1869.